22297236

ANTÓNIO PATRÍCIO

D. JOÃO E A MÁSCARA :: UMA FÁBULA TRÁGICA

Lo
29236

D. JOÃO E A MÁSCARA :: UMA FÁBULA TRÁGICA

De ANTÓNIO PATRÍCIO:

Oceano (versos) esgotado.
O Fim (História dramática em dois quadros).
Serão inquieto (contos).
Pedro o Cru (drama em quatro actos).
Dinis e Isabel (Conto de Primavera).
D. João e a Máscara (Uma Fábula Trágica).

A seguir:

Pedro o Cru (drama em quatro actos, segunda edição)
Theodora (O Sonho duma Noite de Bizâncio).
O Rei de Sempre (Tragédia Nossa).
Poemas.

24.
F 21553
k. 134. g. 16 T3.

ANTÓNIO PATRÍCIO

D. JOÃO E A MÁSCARA :: UMA FÁBULA TRÁGICA

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. P. L.
3977

LISBOA
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
—
1924

Tiraram-se d'este livro quatro exemplares em pape
Vergé numerados e rubricados pelo autor.

Todos os exemplares levam a sigla do autor

Tip. do Anuário Comercial, Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

AO EMILIO

Nothing can we call our own but death.

SHAKESPEARE.

Bem nossa, só a morte.

D. João, para mim...

D. João, para mim, é o instintivo religioso, o amoral místico, o estranho irmão de Madalena e Kundry.

Como êle diz na minha fábula ao Conviva de Pedra: *um possesso de eterno*. Esta grande figura, do potencial trágico mais alto, tem sido interpretada muitas vezes; e no complexo do seu galbo heróico, tão rico de significação e de patético, é — suponho eu — inesgotável. Tentaram julgá-la, até puni-la. Eu por mim, mais simplesmente, tive de a dizer porque a amei e o meu amor quis exprimir-se em scenas.

A obra de arte, diz não sei onde Oscar Wilde, é o milagre pagão; e como os de Cristo, como todos,— um milagre de amor.

Moral de poetas é a moral das mães: um filho não é nunca criminoso.

A minha maneira de interpretar, melhor dizendo, de viver esta lenda (que é, com a de Fausto, a que maior número de poetas fascinou) está, em espírito, de acôrdo com a verdade histórica, pois que Miguel Maraña, o pretexto real de D. João, morreu em Sevilha no convento de *La Caridad*,

em cheiro de santidade. Desta vez, por excepção, a história é superior à lenda.

Que vi eu, em resumo, agora que reli a minha fábula? — Como o instinto, que a idea da Morte magnetizou, vai para Deus.

O sentido da morte é o instinto de viver feito consciência: sem êle, não há vida interior. Vive-se sem viver: morre-se sem morrer: no fundo é o mesmo. Vem tarde, quando vem, porque nada há mais raro que viver. Começa nesse instante a minha fábula, quando D. João e a Morte pela primeira vez vão encontrar-se. No primeiro acto, depois dum baile de máscaras no outono, a Morte, para D. João, é uma *maja* trágica, Goyesca; respira-a a cada instante como a Bem-Amada omnipresente, a *Beatriz única* de Antero; no último quadro emfim, como para o Pobre de Assis, é Soror Morte. Assim tentei fixar, reduzindo ao mínimo a anedota, o que há de essencial no seu destino.

Morrer, diz a Antologia grega, é ser iniciado. Mas para a sensibilidade moderna, que séculos de cristianismo hiperestesiaram, morrer é sentirmo-nos morrer a cada instante, olharmo-nos no supremo espelho em que não há possível narcisismo: a Morte. A iniciação começa *dêste lado*.

Vamos na vida, como o cavaleiro de Dürer,

entre o Diabo e a Morte. Só se vive na consciên cia, e a consciência só apreende morte. Quer isto dizer que toda a vida consciente é vida morta? Não, de certo: mas lento e lento, um naufragar contínuo, naufrágio de marujo-poeta, em que se prolongam sempre os horizontes. Sabia-o bem Antero, que o sentido da vida é o sentido da morte. E os que, como nós, rezavam os *Sonetos* no colégio, souberam-no de cor, como os simples dizem orações, bem antes de em desespêro o aprenderem. Quanto ao Diabo, o outro camarada da gravura, êsse, como eu o vejo, é a ausência de lei, a aritmia: o contingente, o acaso, o acidental.

Nothing can we call our own but death. Bem nossa, só a Morte. Esta frase de Shakespeare ressoa em nós indefinidamente, como certos acordes de Bach e de Beethoven. Ouvia-a sempre em mim, através das palavras desta fábula.

Pensar é tatear morte, palpar morte. Já o adivinho Platão o revelara. *É um mistério para todos*, diz no Phédon: *aquele que á filosofia se consagra, a nada mais aspira que a preparar-se para a morte, que a morrer.* Reduz-se assim a vida, a uma espécie de Gethesemani, horto nocturno, que poucos podem suportar e cultivar.

...Está um sol de Páscoa que entontece. No

silêncio electrico de abril, Sintra dir-se-ia fulgurada. Só os cedros, na sua vida interior que nada altera, aveludam o ar, o ar em síncope. — É bem possivel, meu Deus, que eu não saiba o que digo, e «os bons rapazes dos jornais», como dizia Eça, todos os outros bons rapazes, não consintam sequer em escutar-me.

Como o Encantador que eu sei de cor: — *Excuse, Sir, my old brains are troubled.*

Sintra, 17 de abril de 1924.

A. P.

FABULÆ PERSONÆ:

D. JOÃO.
A MORTE.
LEPORELLO.
O CONVIVA DE PEDRA.
D. ELVIRA.
HELENA COELI.
O DUQUE DE SILVARES.
A MARQUESA DE ALDOVAN.
CARLOS DE ALDOVAN.
OCTÁVIO, noivo de D. Ana.
D. ANA, filha do Comendador.
O IRMÃO DE D. ELVIRA.
O ABADE DO CONVENTO DE *LA CARIDAD*, ETC.

EM SEVILHA.

ACTO I

O palácio de D. João. Sala da ceia na desordem febril dum fim de baile. O tecto em caixões, artesoado: tapeçarias de caça nas paredes. À direita e à esquerda, portas interiores. Nos bufetes, um caos de cristais e argentarias. Vinhos raros opalescem, irisam-se de reflexos como jóias, em vidros de caule alto, veinulados. Ao centro, no lustre de Veneza, já poucas velas ardem. Os candelabros dos bufetes consumiram-se entre pétalas de rosas.

Húmida, a manhã de outono vai descerrando devagar as pálpebras. Duas janelas, ao fundo, deixam ver folhagens ruivas: ao meio, alguns degraus descem à alameda senhorial, beijada de outono, prolongando-se até à porta chapeada de ferro, solene e alta, armoriada.

Nos intervalos dos troncos, há trechos de jardim adormecido, um jardim andaluz de arquitectura verde.

Perto da entrada, ao fundo, conversam Leporello e D. Elvira.

LEPORELLO, baixo.

Tende paciência. Ficais ainda algum tempo no jardim. Vou sondá-lo primeiro.

D. ELVIRA

Onde quereis que me esconda?

LEPORELLO

Muito perto daqui. (Apontando) Atrás da estufa. Já todos se deitaram nesta casa. Há quási uma hora que acabou o baile. (Olha à direita. Escuta.) Ainda lá está. Ficou só no salão, mas vem já aí. (Empurrando-a levemente) Quis que eu abrisse todas as janelas. «Antes o cheiro a névoa que o da carne.» Foi assim que me disse. (Ri.) Fêz-me rir. Não quer o cheiro a carne esta manhã.

D. ELVIRA

Logo que eu possa entrar, vindes chamar-me.

LEPORELLO

Ficai certa. A noiva do meu amo ordena sempre...

D. ELVIRA

Não me esqueço de vós.

LEPORELLO

Vou farejar-lhe o humor. É um catavento. (Como se ouvisse passos) Ide. É êle...

D. Elvira sai. Desce os degraus, desaparece à esquerda. Instantes depois, D. João entra. É alto e magro, musculado, um animal de sedução e presa. Nos gestos, no andar, em todo o corpo, qualquer coisa de felino, de onduloso. A cabeça, de tinta aciganada, tem insolência cínica e fadiga, uma tensão de vida tão aguda, que é quási dolorosa, inquietante. No impudor da bôca, do olhar, uma mobilidade que perturba, por excesso de expressão, de intensidade. Traz um gibão de púrpura, golpeado, espada damasquinada, muito longa, e na mão direita, com anéis, uma máscara breve de veludo.

D. JOÃO, com um bocejo, lento.

Que te pareceu, Leporello? Mente um pouco.

LEPORELLO

Magnífico, meu senhor. Um grande baile. Como só vós...

D. JOÃO, interrompendo.

Uma mascarada de outono, é o que foi. Parecia que se dançava em fôlhas sêcas. (Apontando o bufete) Xerez.

LEPORELLO, servindo-o.

Há uma friagem, meu senhor. Está frio. Choveu de noite. Fecho?

D. JOÃO

Deixa ficar assim. Ar. Quero ar. (Depois de beber) Faz-me bem a humidade. (Espreguiçando-se) Cheira a terra.

LEPORELLO

Descansar, é o que é preciso. Temos tempo de cheirar a terra. Temos tempo demais.

D. JOÃO

Não sinto sombra de fadiga. Tenho tédio. Faz-me bem a madrugada humida. Deitaram-se todos, como eu disse?

LEPORELLO

Só se houver, escondida, alguma máscara. O resto, tudo dorme. As paredes estão em pé só de vos verem.

D. JOÃO, deitando ao chão a máscara.

Uma máscara escondida, dizes tu...

LEPORELLO

Quem sabe, meu senhor, quem sabe...

D. JOÃO

Há sempre alguém escondido nesta casa. E és tu que lucras, Leporello. São os teus honorários. Também, há algum tempo, são os únicos.

LEPORELLO

Se há alguém escondido, é alguém que vos quer. E bem sabeis que tendes inimigos. E poderosos, meu senhor, e ricos...

D. JOÃO

Não me vendeste ainda. Graças, graças. Hás-de ficar no pedestal da minha estátua. E por estátua... A do Comendador, já foste vê-la?

LEPORELLO

Sevilha tôda tem ido admirá-la ao cemitério. (Mais baixo) Só nós não vamos...

D. JOÃO

Porquê? Não te interessa a estatuária...

LEPORELLO

Porquê!?... Ora porquê... Não fui eu que o matei, mas mesmo assim não me apetece nada visitá-lo.

D. JOÃO

É uma questão de etiqueta. Temos de ir.

LEPORELLO

Eu não. De tantos duelos que o meu amo teve, nenhum me fêz mêdo como aquele. Muitas noites, ao deitar-me, vejo-o. Na areia do jardim, ao cair morto, já parecia de mármore...

D. JOÃO

Razão de mais. Temos de ir visitá-lo um dêstes dias.

LEPORELLO

Ontem de tarde vi a filha e o noivo. Passaram em frente do palácio, sem olhar. Sevilha tôda sabe o que juraram.

D. JOÃO, sorvendo um gole, lento.

Que juraram então D. Ana e Octávio?

LEPORELLO

Andar de luto rigoroso sempre, viver para a vingança noite e dia; e quando eu não tiver amo, então, — as bodas...

D. JOÃO

Por isso os convidei. Mas só dancei com ela duas vezes.

LEPORELLO

O quê, meu senhor!... Estiveram cá?

D. JOÃO

Foram dos últimos a partir. (Com um riso sêco) Já vês que me não querem mal...

LEPORELLO

Cuidado, meu senhor. É perigoso jogar com o destino.

D. JOÃO, tocando a espada levemente.

Tenho sempre razão... É fatigante. — A máscara escondida? quem é ela?...

LEPORELLO

Não podeis adivinhar?

D. JOÃO

Tudo previsto, Leporello. ¿É a que eu posso adivinhar? Onde a meteste?...

LEPORELLO

Ao ar livre, meu senhor. Atrás da estufa. Um sinal meu e vem.

D. JOÃO

Faze o sinal, faze o sinal depressa. Não vá enrouquecer antes da scena.

Leporello sai. Está na alameda. Acena duas vezes para a esquerda. Instantes depois, D. Elvira aparece. Entram na sala.

D. JOÃO, indo-lhe ao encontro, cerimonioso e irónico.

Só agora soube... Perdoai. (Beijando-lhe a mão) Bemvinda a qualquer hora, a qualquer hora...

D. ELVIRA

Bem sei, bem sei que não são horas. Foi mais forte do que eu. Tive de vir.

D. JOÃO

Bemvinda sempre. Não há protocolo para vós. Um privilégio que só tem a Morte...

D. ELVIRA

Se continuais nesse tom, não digo nada.

D. JOÃO

Ides dizer. Tenho a certeza. — ¿O que vos traz assim, de madrugada, pisando a lama com chapins de sêda, no meu jardim de arquitectura verde?...

D. ELVIRA

O risco que correis. Tremo por vós. Não posso respirar. Quero-vos... quero-vos...

D. JOÃO

Já não consegue distrair-me o risco. Creio que estou enfêrmo...

D. ELVIRA

Enlouqueceis. Dar um baile de máscaras no outono... É um capricho de louco.

D. JOÃO

E aborreci-me, aborreci-me, aborreci-me. Havia teias de aranha na minha alma. De começo pensei: vou divertir-me. Esta idea de ter em minha casa, ter num baile de máscaras, convidados, — convidados por mim galantemente — a fina flôr dos inimigos íntimos, e irreconhecíveis, disfarçados, emquanto eu só trazia meia-máscara, pareceu-me saborosa, fascinante. Qualquer coisa ia nascer dali. Afiava os meus nervos com requinte. E afinal — imenso tédio, tédio. Parecia que se dançava em fôlhas sêcas. Nem, por esmola, um instantinho de terror, um só.

D. ELVIRA

Não podeis continuar assim. Quem sabe onde vos leva essa vertigem. É forçoso mudar.

D. JOÃO, depois de um silêncio

É bem preciso. Qualquer coisa de novo... qualquer coisa. Qualquer coisa ou Alguém... Não posso mais.

D. ELVIRA

Sei que querem comprar a vossa gente. A não ser Leporello...

D. JOÃO

Resta-me Leporello. É a lealdade. Creio que dorme. Adormeceu em pé...

D. ELVIRA

Se eu pudesse por vós alguma coisa... Faria tudo, tudo. Deus bem sabe.

D. JOÃO, numa galanteria involuntária.

Bem sabeis que podeis. Só vós, só vós. Quando vos soube no jardim, o que eu senti!... Quis chamar-vos logo. Recordei-me... (Tocando-a) Não tendes frio? Quereis beber um pouco?...

D. ELVIRA

Estou sempre bem ao pé de ti. Bem sabes.

D. JOÃO

Tens lama nos chapins. Pobres pés frios... As minhas mãos já foram dignas de calçá-los...

D. ELVIRA

A tua voz aquece-mos: verás...

D. JOÃO, mirando-a tôda.

Os meus olhos não se cansam de beber-te. É um cordial para mim a tua graça. E quando penso como tu vieste, que andaste a pisar lama e fôlhas

sêcas, sob as ogivas verdes, fria, fria... Queria anichar-te tôda na minha alma, ter-te em mim como num berço, tôda...

D. ELVIRA

Se êles soubessem como tu és bom, os que te querem mal...

D. JOÃO

Queria sê-lo por ti, e hei-de sê-lo. Vai ser o meu convento o teu amor. Dás-me os teus olhos como Livro de Horas...

D. ELVIRA

É a ti que vais rezar. Estás sempre nêles.

D. JOÃO

Quero esconder-me em ti. Nada me importa. Dás febre e apaziguas. Ninguém mais. Beijar-te, meu amor, quero beijar-te: beijar com devoção os

teus pés frios... Quero beijar-te os pés, mas sempre, sempre: até ser digno de beijar-te os seios, de os beijar outra vez... Lembras-te?... Lembras-te?...

D. ELVIRA

Lembram-se sempre... Pensam sempre em ti...

D. JOÃO

Só os teus seios? só?... — Quero-te tôda. E são só êles a lembrar-me em ti... E há mundos em ti que me esqueceram... Não te quero assim, já não te quero... Os teus joelhos brancos, sem memória?... Já se esqueceram dos meus beiços?... Dize. E as fossetas que eu enchi de beijos?...

D. ELVIRA

Dobram p'ra ti os meus joelhos... Sentes?

D. JOÃO

Não é verdade. Vergam de fadiga. Nunca mais ardes nos meus braços... Sei-o. Arrefeceu-te a

madrugada. Pobre... — É ainda o mesmo o teu perfume? Sabe ainda a nardo a tua pele?... E a tua nuca? Nunca mais a sorvo...

D. ELVIRA

A tua voz tem beiços. Está a beber-ma...

D. JOÃO

Sinto-te em mim, como o sabor dum fruto ainda na árvore. Só te quero enlaçar daqui a instantes... (Com um bocejo) Mas não, mas não. Vou-me deitar na lama: vou-me deitar na lama do jardim, do meu jardim de arquitectura verde... Sei-o de cor, o galbo dessas ancas. Ainda se lembram dos meus braços? Dize... Vou-me deitar na lama do jardim. Não me fales de ti. Antes a lama...

D. ELVIRA

Quereis-me fazer chorar...

D. JOÃO

Não, não. Está húmido. Pode fazer-me mal. Bebi Xerez; e se tiver de te beber as lágrimas, adeus sabor de vinha ao sol e amêndoa... Não queres então deitar-te como eu? Atrás da estufa, ao pé da taça, — queres?... Cheira à gangrena lírica do outono. É bom, de bruços, sôbre fôlhas sêcas...

D. ELVIRA

Esqueceis quem eu sou. (Mais baixo) A tua noiva...

D. JOÃO

Ou vai matar-me o teu irmão. Sabia. Ou noivo ou condenado: tu distingues? Olhos subtis os teus, minha adorada...

D. ELVIRA

Não sejas mau. Vem dar-me um beijo. Adoro-te...

D. JOÃO

Meu cacho de Alicante, ó tôda mel... Nas pálpebras, queres?... Devagarinho... Quando te beijo as pálpebras de sêda, passa-me na alma a luz dessas pupilas... Sou como um bago de âmbar a um sol de oiro. Mas os teus beiços intumescem, incham... Beijar-te a bôca neste instante, noiva, vai ser prodigioso, incomparável... É trair D. João: pensa um segundo... Oh! Se êle me matasse... Por capricho...

Beija-a nos olhos e na bôca, muito, com um virtuosismo de fadiga, triste.

D. ELVIRA

Meu amor... meu amor... Há quanto tempo...

D. JOÃO

Meu dever loiro... Nem eu sei há quanto.

Afasta-se dela bruscamente, uma expressão de amargura em toda a máscara.

D. ELVIRA

Que tens tu?...

D. JOÃO

Não te dizia eu? Antes a lama. Antes a lama do jardim e as fôlhas sècas. Não posso mais, não posso mais assim...

D. ELVIRA

Não me queres, amor? Já me não queres...

D. JOÃO, num exaspêro imenso.

Qualquer coisa ou Alguém... Seja o que fôr. Já não sei rir. E é demais... Não vês? Nunca pude mentir, por mais que queira. Seja o que fôr que eu diga, vivo-o de tal maneira ao exprimi-lo, que se faz carne e sangue de verdade. — Não sentiste?... O que há de estranho em que me acreditasses, quando eu mesmo ia levado a ouvir-me... A minha voz, o timbre, um não sei quê... Arcada de violino na medula... estradivário nos meus nervos... — Ouves? O que há em mim? Podes dizer-mo, tu?...

D. ELVIRA

Tens um cansaço imenso. Vem deitar-te. Só vejo em ti o que eu adoro sempre. (Beijando-lhe as mãos) Eu fico ao pé de ti. Não digo nada.

D. JOÃO

Tu vês em mim o teu desejo, em púrpura; eu vejo em ti todo o meu nada, sôfrego. Só imagens, máscaras, reflexos. Sempre um jôgo de espelhos, adoidante. Mais bufão que o baile desta noite, o baile que sabia a fôlhas sêcas. Mas com mais convidados, muito mais... Assembleias de sóis... feeria fúgubre... (Pausa. Agarrando-lhe os pulsos) Talvez tu saibas. P'ra quê as máscaras, se ninguém nos vê?... (Beija-a na bôca longamente, com um sardonismo de luxúria, frio.) Boa manhã. Vou-me deitar na lama...

D. ELVIRA

Ao pé de mim, amor, quero sentir-te. Não fujas. (Passa-lhe as mãos na testa, no cabelo.) Tens os cabelos húmidos...

D. JOÃO

Não posso mais. Não vês?... Não posso mais... — Qualquer coisa ou Alguém... Outra, outra coisa...

D. ELVIRA

Nunca te vi chorar. Tu nunca choras?...

D. JOÃO

De prazer, sim. De tédio, nunca. — Vejo tudo grotesco à minha roda. Um sentimento de grotesco em tudo. Ainda maior do que a miséria, pensa, do que a miséria de viver assim.

D. ELVIRA

É uma maneira de chorar: a tua.

D. JOÃO, brusco.

Que queres tu? Deixa-me em paz... Mais beijos?... Queres que te tenha nos meus braços,

tôda?... É a minha profissão, o meu dever... Ainda te lembras do caminho? Entra...

Aponta à esquerda a porta, com um mau riso.

D. ELVIRA

Pisas-me a alma, amor. Mas eu perdôo-te...

D. JOÃO

Sê indulgente. Só te piso a alma esta manhã. Tenho tédio, imenso tédio, tédio. O destino boceja sôbre o mundo. (Olhando pela porta do jardim) O que dizem à lama as fôlhas sêcas?... Não ouviste nada? Não conversam?... Dize: é tudo scenário? tudo? tudo? Nada existe? ¿Esta manhã de outono arripiada não tem um coração que se confrange?... (Mais perto dela) E sou eu o *burlador* — todos o dizem — eu que te minto tão sinceramente, que caio em mim de cimos de vertigem... ¿É como as mulheres a natureza? Vazio lúgubre a mimar divino?...

D. ELVIRA

Nem te entendo, amor... Não estás em ti.

D. JOÃO

Não estou em mim!... não estou em mim! Perfeita. Beijo o róseo murcho dos chapins que te trouxeram na grisalha de alva. Visitação a tua... anunciação... Não estou em mim!... Decerto. Não. Não estou. (Silêncio breve. Com desânimo) Os olhos dos meus galgos, queria vê-los. Há qualquer coisa neles que me entende.

D. ELVIRA

Ah! Se eu pudesse... se eu soubesse, amor. Um coração ao pé do teu é nada?...

D. JOÃO

É ao pé dum relógio outro relógio. E eu já não posso com o tempo, sabes?...

D. ELVIRA

É forçoso mudar. Não podes mais. A tua vida assim é impossível.

D. JOÃO

É forçoso mudar?... É impossível. Há-de ser sempre, sempre, sempre assim. E *sempre* é longo, por mais curto, noiva. O destino vem a mim em carnaval, no mais burlesco carnaval da terra. Uma mulher sumindo-se na rua, ao fundo duma rua: tanto basta: é êle em *travesti:* tenho de ir logo. Uma voz na noite, quando eu passo, atrás das gelosias: um perfume... Um perfume de mulher ou de árvore... A pedra dum balcão, morna de sol, onde uma mão poisou há muito tempo... Uma inflexão de vento, num jardim, e que fica em acorde na minha alma... E no silêncio mesmo, um certo apêlo, um apêlo à voz que *tem de vir*...

D. ELVIRA

Mesmo gelado, há uma febre em ti...

D. JOÃO

Há uma febre de beijar mais fundo.

D. ELVIRA

Não sei o que tu tens, não sei... Tu és como as crianças, meu amor, que partem as bonecas para ver, para ver como são, que teem por dentro...

D. JOÃO

E não há *por dentro*... É como em sonho. E quanto mais o sei, mais o procuro. O que me interessa nas mulheres, tu sabes, é o que elas ignoram, e possuem. Mas não há mãos p'ra tanto: foge, foge... É qualquer coisa que se escoa sempre. Há quem ausculte o chão e oiça nascentes. A terra para alguns faz-se de vidro: vêem-lhe artérias de cristal ao fundo. Sou um buscador de fontes por destino; mas por mais que procure, nunca as oiço.

D. ELVIRA

E o impossível que tu queres, amor.

D. JOÃO

E é tédio o que eu sinto: tédio, tédio. E não me quer, a Morte. Voa em círculo, como um abutre

à roda duma tôrre. Querem-me tantas, que Ela passa de longe, com desdém.

D. ELVIRA

Não fales mais assim. É tentar Deus.

D. JOÃO

Sou como um pescador, numa lagoa, a pescar, demente, a própria sombra... É a pérola que eu pesco nos seus olhos: a estrêla no fundo da cisterna... (Com um gesto brusco) É burlesco de mais. Não posso mais... Qualquer coisa ou Alguém... Outra... outra coisa.

D. ELVIRA

É só tu quereres, amor, e tudo muda.

D. JOAO

Sempre assim, as mulheres. Há um dilúvio de esperança nessas veias. Esperar, esperar, é o seu destino.

D. ELVIRA

E prometer...

D. JOÃO

E prometer em vão, sem saberem o quê: prometer sempre. É a eterna canção, uma canção partida em mil refréns; à fôrça de repetidos, idiota. O tédio que me faz... Antes a lama... a lama mole sob fôlhas sêcas.

D. ELVIRA

Não dormiste esta noite. Estás morto de fadiga, meu amor. Por meu mal, hás-de cantá-la ainda muitas vezes...

D. JOÃO

Consoladora... Tens palavras de alva.—Hei-de cantá-la ainda muitas vezes!... Sou o forçado pícaro dos beijos. Prostituo-me sempre... ante mim mesmo. O *burlador*... o *burlador* que passa... (Noutro tom) A vida!... Um Escurial de tédio na

minha alma. — É isto a vida?... Se é assim (Aponta Leporello), que a viva aquele. (Como a si mesmo) Êste bater de hélice no vácuo; suspensão de náufrago, entre vagas, p'ra um naufrágio total... — Não posso mais... Qualquer coisa ou Alguém... Seja o que fôr.

Pausa. Involuntàriamente, como se esperasse Alguém, D. João sonda a alameda, inquieto. O olhar de D. Elvira segue-o. No ar, nas árvores, em tudo, uma imobilidade de espera, arripiada. A um canto, sentado numa arca, Leporello dormita. Há no silêncio da manhã de outono um não sei quê medianímico, que fere. De repente, sem que o vento sopre, um bater de fôlhas sêcas nas janelas. Voltam-se estremecendo.

D. JOÃO, numa surprêsa que o demuda.

As fôlhas sêcas contra os vidros... Não há vento. E nada bole na alameda... nada.

Os galgos uivam.

D. ELVIRA

Ouves?... A matilha a uivar... É um mau preságio. Vai morrer alguém...

Acolhe-se a D. João num calefrio.

D. JOÃO

Não sou eu. Sossega. Se fôsse eu, punham-se a uivar baixinho. São meus amigos, os meus galgos. Deixavam-me morrer num bom silêncio.

De novo um uivo, muito agudo. Leporello desperta. Meio tonto, olha pela alameda, estremunhado.

D. JOÃO, num tom rouco, muito pálido.

É *Alguém*... Tenho a certeza. *Alguém*. Nunca os ouvi uivar assim...

O ar da madrugada estagna. Um silêncio de pântano, transido. Como um apêlo — as fôlhas sêcas outra vez contra as janelas.

D. ELVIRA

Outra vez... Outra vez as fôlhas sêcas... É *Alguem* que quer entrar... que chama. O ar mudou. Todo o silêncio espera. (Deitando-lhe os braços ao pescoço.) Fica aqui, fica aqui. Peço-te... Peço-te...

D. JOÃO, libertando-se dela.

A última Máscara decerto... Vou abrir.

Desembainha a espada bruscamente, e sai quási a correr pela alameda. Leporello e D. Elvira, atónitos, vêem-no ir com terror, como inconscientes. Antes de chegar ao fundo, a alta porta armoriada abriu-se. Uma Máscara entra, levemente. Só D. João a vê. Entram na sala, — D. João marcando o espaço que os separa com a espada nua, horizontal.

D. JOÃO, em frente à Máscara, baixando a espada de vagar, a voz sumida.

Dona Morte...

Dona Morte é um Goya, uma manola trágica, duma esbelteza acutângula, macabra.

Traz uma máscara preta de setim. Na hipnose do olhar, todos os céus do Além estão encantados.

A MORTE

É tarde?

D. JOÃO

Não... não... É tudo baço aqui...
Já se não dança... o lustre já não arde...
Mas ardo eu, mas ardo eu por ti...

A MORTE

Era eu que o teu tédio e a tua alma queria?...

D. JOÃO

Falena da manhã: eras Tu... Eu sabia...
Tinhas de vir assim, mantilha de manola,
Uma manhã de outono, em máscara sombria.
Para eu te beijar, tens de ser espanhola!

A MORTE

Há um instante só que tu esqueces:
Primeiro beijo eu, e a seguir arrefeces...

D. JOÃO, lívido.

E' certo... A conquista sou eu.
A Morte é D. João se D. João morreu.

(Batem-lhes os dentes.)

A MORTE

Tens frio?...

D. JOÃO

Quero rír... quero rir... quero rir... e não rio.

(Com esfôrço)

Não penses um instante, oh! não, que tenho frio:
estou a arder, estou a arder, e estou a arder por Ti:
Ó Máscara de Outono, ó meu amor, sorri...

(Como à escuta)

Oiço cair as maçãs das macieiras.

(Bruscamente)

Leporello, já: vai despir as roseiras;
quantas rosas houver, quero-as tôdas aqui.

(Curvando-se)

Para Ti...

A MORTE

Já se esfolharam tôdas.
Como as noivas nas bodas,
as roseiras de outono ao sentirem-me os passos,
tiveram a ilusão de me cair nos braços.
Deixa as rosas. Descerra
a tua alma um pouco. Deixa as rosas na terra.

Só D. João a vê e a ouve. Leporello e D. Elvira, com espanto, olham-no como se tivesse enlouquecido; mas qualquer coisa de instintivo os adverte, os faz recuar num pânico sem nome. Ficam colados às tapeçarias, com dedos frios de terror nas vértebras.

D. JOÃO

O silêncio não uiva... a matilha calou-se...
A vida, em mim, ergueu as mãos: ajoelhou-se.

A MORTE

Não é o instante ainda do meu beijo.

D. JOÃO, embainhando a espada lentamente.

Sinto que te amo já para além do desejo.

(Fixando-A)

Dizem que a tua voz é um silêncio que gela,
e é dentro em mim um céu que devagar se estrela.
Falavam com terror, e baixinho, de Ti,
e eu pensava: é mulher, e se é mulher, sorri:
é mulher, é mulher: e se é mulher, é minha.
A Morte, para mim, tem olhos de andorinha.
Quando me vir de perto, eu sei que se me vir,
há-de sorrir veladamente, há-de sorrir...
E o seu sorrir de Maja do Mistério
é como um fruto a abrir nalgum pomar etéreo...

Na voz da Igreja, a ouvir os psalmos pelas naves,
pensava: os braços seus devem ser tão suaves
como a luz dos vitrais, na penumbra, em surdina...
E a ouvir responsar: — tem a cintura fina...

Queda segundos, como se esperasse da Morte uma resposta. Põe nos copos da espada a mão esquerda, numa atitude de sedução, fitando-A sempre; mas empalidece mais, descai os braços, uma angústia estranha a decompô-lo.

A MORTE

Devagar, devagar... Não há pressa comigo.
O tempo adormeceu: como um mármore antigo,
os seus olhos sem foco olham tão longe agora
que se esfolham no além em silêncio, hora a hora.
É como num jardim de inverno, semi-morto,
o caule dum repuxo a florescer, absorto.

D. JOÃO, com terror ainda e com êxtase.

O tempo adormeceu?... Quási que assim o creio,
e que esta manhã gris que te trouxe no seio,

vem assim, vem assim, — és Noiva ou és Viuva? —
vem da minha alma assim, tão molhada de chuva...

A MORTE

Não te lembras de mim!?...

D. JOÃO

Perco a memória ao ver-Te... Eu já Te vi assim?...

A MORTE

Pois quem viste tu mais?... Olha bem, interroga.
Desarvorada em ti, tôda a tua alma voga.
Entra em ti devagar: sê a tua própria sonda.
Pouco a pouco, a manhã faz hialina a onda...

D. JOÃO

A tua voz, que tem?... Parece que desperta
uma alameda de visões, entreaberta...
E depois, ao calar-se, é a quintessência, a causa
— como entre acordes de órgão, numa pausa —
de tudo o que na vida, e sem saber, procuro,
e vai emfim abrir como uma flor no escuro.

Ó Máscara sem sono,
se tu vens, se tu vens nesta manhã de outono,
p'ra me dizer emfim o sentido da vida,
numa casa sem luz, há a Manhã escondida.
Doces, doces as mãos, — como de fôlhas mortas,
acordando a matilha e descerrando as portas...

(Siléncio breve)

Onde foi que eu Te vi? — Foi em mim? Foi em mim?...

A MORTE

Bem antes de eu pisar, à chuva, o teu jardim.

D. JOÃO, mais baixo, como quem adivinha.

Serias Tu!?... Não eras Tu, a cada instante,
dentro de mim, Eterna, ou pertinho ou distante,
ó olhos de Sibila em máscara de sêda...
Não vinhas Tu de mim quando ali, na alameda,
a alta porta se abriu, e em Maja macabra,
entraste levemente, e sem dizer palavra...

A MORTE

Se fôsse eu... se fôsse eu...

D. JOÃO, depois duma pausa.

Eras Tu, eras Tu... — Sou e serei só Teu.

A MORTE

Tu que beijaste tantas...

D. JOÃO

Ouvia a Tua voz em milhares de gargantas.

A MORTE

Tu que tantas possuíste...

D. JOÃO

O Teu reflexo só que me fugia, triste.

(Olhos nos olhos d'Ela, como hipnotizado)

Só beijei, só cingi, só te escutei a Ti.
O Teu mistério é para o meu desejo,
o sexo que não pode atingir nenhum beijo.
Só a Ti eu busquei, só te aspirei a Ti.

Tu scismas em Sibila, enlaçada à beleza,
e só a Ti, a Ti, vai a minha alma prêsa.
Agora que eu Te sei, oh! reouvir um pouco
a Tua voz na voz de alguma delas... — Louco,
louco que eu fui... — Mas não: se tu preferes,
repete o que eu Te disse a falar às mulheres,
quando de forma em forma, a errar, em doidice,
não te via sequer dentro de mim, Beatrice.

A MORTE, mimando a voz de D. João.

«Foi o Cristo ou fui eu o teu amor primeiro...»
Na sombra, em flor, abria um jasmineiro.
Onde foi? Onde foi?... Era tanta a brancura
que o teu desejo tinha uma roupagem pura.

D. JOÃO

Eras Tu... eras Tu...

(Como revivendo)

Sob o luar que esponja
as arcadas do claustro em carícias lustrais,
sabiam-me a jasmim os mamilos da monja,
a touca ia a fugir para céus irreais...

Carmelitana?... Não. Era clarisse.

(Com melancolia)

Foi como se o luar pouco a pouco a diluísse...

A MORTE

A Maja foi clarisse, assim, por um momento.

D. JOÃO

Veem na tua voz como o pólen no vento.
(E nunca foram, não. Eras só Tu. Tu és.)

(Com fervor)

Uma mais, uma mais a esfolhar-se aos teus pés...

A MORTE

Uma mais!?... Deixa-a vir. (Pausa.)
Sou outra já: tão doce
como uma amendoeira em flor que nunca fôsse...

D. JOÃO

Como que a sinto vir...— E és só Tu. — Quem é ela?
Nos teus olhos de além vejo olhares de gazela,

ha círios de pureza, uma estelar meiguice:
quem é essa que vem, quem mora em ti, Beatrice?...

A MORTE

Rasgaste-lhe a punhal a tela de brocado.
E a desnudar-lhe o corpo inviolado,
pensas tu que te amou? Viu em ti o pretexto
para poder cumprir o iluminado texto
das páginas de jóia em que cedo a encantara
a vida de Eponina, a Santa que ela amara,
e por piedade e em êxtase, rezando,
deu a leprosos e a ladrões seu corpo brando.
O corpo de Eponina, um mármore de lua,
como um nelumbo que a sorrir flutua,
ventre a ventre se uniu, matando-lhes a fome,
a mendigos, anões, a farrapos sem nome.
Isabel, em pequena, embevecida lera
a vida de Eponina. E quedara, de cera,
a scismar, a scismar: — se tão alto destino
pudesse ser o seu, oh! seria divino.
Em Burgos, essa noite em que a fôste despir,
de joelhos a viu um círio na capela;
beijou os pés à mãe na aura de partir:
o sonho do naufrágio enamorara a vela.

Mìsticamente alegre, enlaçada ao destino,
foi assim Isabel emquanto cavalgavas
vendo no pó da estrada um turbilhão de lavas.
— Prostituir-se por esmola, era divino.
Vieste tu. Se fôsse um vagabundo,
quedara o mesmo o seu olhar, lindo e profundo.
Viu em ti tal desejo,
que por piedade triste, abriu a bôca em beijo.

D. JOÃO

Ao beijar-lhe os joelhos,
foi como se beijasse uns pergaminhos velhos.
Tão doce e fria era a macieza sua,
que eu pensei: é beijar uma caveira à lua,
ou num côro de igreja um evangeliário,
ou a santa dum ermita imaginário...
Qualquer coisa de prata e de neve fundidas,
e a um luar de inverno adormecidas...

(Com uma expressão sensual, fitando a Morte)

Queria encontrá-la ainda.
Uma oração de carne. Era linda, era linda.

A MORTE

Se o Destino deixar,
podes tê-la outra vez. Podes tê-la a rezar.
Mas decerto a não queres. Anda magra e andrajosa,
e vai a dar-se assim com uma alma de rosa.

D. JOÃO

Queria poder sentir nesse corpo de santa
o espasmo subir e apertar-lhe a garganta.
Tu que sabes como eu beijo, como eu cinjo,
e com que voz de chama ante mim mesmo finjo:
o jôgo dos meus rins, o génio dos meus dedos...
Cada pele é um teclado em que dormem segredos...

A MORTE

Cuidas que te sentia?
Ficava nos teus braços como Iria
boiando entre juncais, adormecida.
— Assim longinqua e branca, assim doce e esvaída...

D. JOÃO, como a si-mesmo.

Eras nela a rezar como um anjo-gazela.

A MORTE

Depois de naufragar ainda é mais branca a vela.

D. JOÃO

Cada palavra tua
cai em mim, cai em mim como num charco à lua
um reflexo de estrêla.
Ah! Pudesse eu prendê-la...
Visse agora Isabel: no olhar que lhe desse,
qualquer coisa de mim a seguiria em prece.

A MORTE

É cedo ainda.
Beijaste-me também na marquesa...

D. JOÃO, mudando de tom, como se a visse de repente.

Era linda...

A MORTE

Era linda talvez...
Mas na sombria sala dos retratos
não a vias sequer. Os teus olhos abstractos...

D. JOÃO, interrompendo, na exaltação de reviver.

...só a Ti, só a Ti...

A MORTE

Dize: onde é que me vês?...

D. JOÃO, como vendo num espelho em frente.

Na infanta que num quadro desdoirado,
em seu complexo e heráldico *peiñado,*
seu olhar de esmeralda semi-louca,
beijou na bôca da marquesa a minha bôca.
Uma pequena Habsburgo a sorrir-me na tela...
Eras Tu, eras Tu: eras Tu... e era ela.
Oh! a perversa graça corruptriz
e distante, de criança, de criança-imperatriz...
E enlaçava a marquesa...
Ao fundo do salão só uma vela acesa
em lágrima doirada. Todo em sangue, o crepúsculo
ia afogando tudo. Saí como um fantasma, sem um músculo...

A MORTE

As máscaras de amor mimam só a agonia.

D. JOÃO

Eras Tu para além que o meu desejo queria.
(Desejo que fascina e de que eu sou escravo.)
Como um *pátio* andaluz louco de nardo e cravo,
é assim a minha alma: quem a sente, entontece,
e só tristeza há no fundo da kermesse.
Eu nem te sei dizer... Como os judeus avaros,
movem os dedos, maquinais, contando moedas,
por onde quer que vá, na paz das alamedas,
esboço o gesto de palpar, em frutos raros,
os seios que no ar nascem do meu delírio,
veinulados de azul, côr de lua e de lírio...
Na moleza do ar ao oirescer das vinhas,
não posso sossegar. Tu sabes como as linhas
se vão casando em mim numa impossível ronda
com formas de mulher e de quimera e de onda...
Bemdito o sôpro Teu que abriu a minha porta.

A MORTE, uma voz embrumada.

Já te não lembras, não... Já te esqueceste
o mais estranho idílio que viveste,
quando beijaste em mim a Sombra duma morta?...

D. JOÃO, como em hipnose.

Na Alhambra, uma manhã... Entreabri a porta.
Corri os *pátios* e as salas lapidadas,
e sem saber porquê, numa luxúria vaga,
fui-me deitar no *mirador de Lindaraja*.
Nas rexas dos balcões via filigranadas
as formas dos jardins: sentia como incenso,
um perfume a subir, elanguescido e denso...
E pensei que era o dela: a sua Sombra, certo,
estava comigo ali no *mirador* deserto.
Aspirei, aspirei: tão íntimo o sentia,
que a princesa, por fim, ao pé de mim a via.
E amei uma Sombra. Amei-a, amei-a, amei-a...
De olhos cerrados a beijei, fui veia a veia,
como se na penumbra iriada da sala
tivesse vindo a mim, espásmica, sem fala...
Sem voz e sem olhar, o que eu lhe disse, Maja!...
Eras Tu... Eras Tu... — Eras tu Lindaraja?
Nenhuma foi assim tão doce e tão morena.

(Pausa)

Eras Tu?...

A MORTE

Era eu a princesa agarena.

D. JOÃO

Essência do meu ser: agora que Te vi,
nasci segunda vez dentro de mim: nasci.
Eras Tu, sem saber, que no ar modelava
a minha sêde vã, com suas mãos de lava...
Tudo que em mim não tinha voz, e era mais eu,
ó Máscara de Outono, era Teu, era Teu.
Em cada olhar eu lia: «Há-de haver quem me vingue.»
E bastava num *pátio* o chôro, o tingue-lingue
duma água a cair num soluço de sesta,
para logo rolar numa doçura mesta.
Havia em mim Alguém que nunca me esqueceu.
Eras Tu? (Mais perto d'Ela)
Eras Tu?...

A MORTE

Sabes bem que era eu.

D. JOÃO

Não partas mais, Amor... — Não sei bem o que digo. —
O outono adormeceu. Queda-te Tu comigo.
Queria ficar assim, como um mármore, louco,
bebendo o teu além aos goles, pouco a pouco...

A MORTE

Em ti, busca-me em ti: é uma divina rota
que na alma se faz, sem vela e sem escota.
Fico contigo. Adeus. Sou tão fiel
que nenhum me pediu para enfiar-me o anel.

Na alameda há um silêncio pânico. As árvores, em folhagens verde-cúprico e oiro-velho, estão imóveis como imensos lustres. Parece, a olhá-las, que uma lufada as faria tilintar. No primeiro degrau, a Morte pára.

D. JOÃO

De infanta, se quiseres, de mendiga ou manola,
vem a mim, vem a mim: volta a mim por esmola.
Queria ver-te surgir
por entre os laranjais junto ao Guadalquivir.
No chão, quando vieres, caem frutos de chama;
e a minha voz no ar esmaecida chama
neste torpor do outono, tão baixinho,
ó Maja, que tu vens... — Tenho sêde de vinho...

A MORTE

Podes seguir-me até à porta, mas de longe:
sob o gibão — porquê? — vejo um burel de monge...

D. JOÃO

Sibila: teu hálito de gêlo é êxtase. Consente.
Deixa que te acompanhe. Humildemente...

A Morte desce os degraus. Começa a caminhar pela alameda. Ha um ranger de fôlhas sêcas: rodopiam à roda d'Ela, turbilhonam; são por fim uma espiral louca que sibila.

D. JOÃO, como a si mesmo.

As fôlhas sêcas — espiral de boda —
procuram escondê-LA, ennovelá-LA tôda.

Segue-A a distância, em hipnose mística; mas tão densa é a espiral, que depois de alguns passos, não A vê. Sem ruído, o portão armoriado abriu-se. Transpô-lo o turbilhão de fôlhas sêcas. Fecha-se de novo, sem ruído.

O silêncio agora é tumular. D. João entra: como um sonâmbulo, desfeito. Às vezes volta-se como se esperasse vê-LA ainda, procurando-A.

D. JOÃO

Há um turbilhão de fôlhas sêcas na minha alma.
Tenho sêde de paz e de oração: de calma.

(Pára junto a um bufete. Maquinalmente)

Nem bebi o Xerez.

(Bebe sôfregamente.)

Leporello! Xerez.

(Leporello apressa-se a servi-lo.)

D. JOAO, antes de beber.

Era uma vez D. João...

LEPORELLO, uma ternura hipócrita.

Era uma vez... Porquê?...

D. JOÃO, com uma voz de fadiga, um tom sonâmbulo.

Só Ela beija e scisma, Ela escuta, Ela vê...

(A D. Elvira, que caminha para êle: com um tédio imenso e com piedade)

Nem um gesto sequer: sê minha amiga.
Não há mãos de mulher para a minha fadiga.

Encosta a cabeça ao espaldar, extenuado. D. Elvira deita-se-lhe aos pés, em devoção. Enrola-se como um galgo, fica imóvel.

D. JOÃO, fechando os olhos, uma voz amortecida.

Há só Uma... Bem sei. Há só Uma... há só Uma...

Leporello, em bicos de pés, fecha a porta do jardim. Sai, encolhendo os hombros, pela esquerda. Escurece. A luz, coada por folhagens, é uma luz de aquário, verde lívido.

De repente, no silêncio, ouve-se a chuva.

ACTO II

«Le monde juge bien des choses, car il est dans l'ignorance naturelle, qui est la vraie sagesse de l'homme.»

PASCAL.

A mesma sala na penumbra. Anoitecer. Há uma mesa posta para a ceia. Transidos de humidade, D. João e Leporello entram. Através dos vidros, nas folhagens, — Leporello deixa a porta aberta — bailam reflexos de luar na névoa.

D. JOÃO, atirando o chapéu a Leporello.

Há três lugares na mesa. Pode vir acompanhado, o Conviva de Pedra.

LEPORELLO

Ó meu senhor, batem-me os dentes. Estou frio, frio, e tremo todo ainda. Como pude eu, em vosso nome, fazer à Estátua de mármore o convite?...

D. JOÃO

Estás certo que aceitou?

LEPORELLO

Acenou com a cabeça. Vi; eu vi...

D. JOÃO

Não duvidas que venha?

LEPORELLO

Não duvido. Que idea a vossa de ir ao cemitério...

D. JOÃO

Foi na oficina de Valdés Leal que me veio o desejo de repente. Depois de ver o quadro. Maravilha. É uma pura maravilha. Viste?

LEPORELLO

Chama-se *Os dois Bispos,* meu senhor? É horrível. Não vou poder adormecer a vê-lo.

D. JOÃO

Valdés Leal é um grande mestre. Foi minha a idea; mas como êle se lhe deu e a possuíu, de corpo e alma, todo: é uma obra-prima. Viste bem

os dois bispos, lado a lado estendidos, os dois bispos que são um em duas fases?

LEPORELLO

Creio que nunca mais posso esquecê-los. Aqui mesmo, parece-me que estou no cemitério. Com êste cheiro a terra e a fôlhas sêcas, fecho os olhos e vejo-os como há pouco, quando estava convosco na oficina.

D. JOÃO

As fôlhas sêcas veem-te lembrar o cheiro a podre, hein?... Tôda a grandeza, tôda a glória,— ali. Estão ambos em dalmática, mitrados. As mesmas pedrarias incrustadas, em cada mitra as mesmas: são iguais. A mesma sêda nas dalmáticas, a mesma; e o bordado litúrgico, precioso. Uma diferença pequenina apenas. O que na máscara dum é sêco orgulho, desfaz-se em podridão na outra máscara. E teem a mesma crossa cravejada. Mas o anel episcopal num deles, oscila nas falanges esburgadas... E chama-se: *Os dois bispos*. Grande

mestre. Valdés Leal é um grande mestre. Ofereço-o ao convento, já te disse. Dou-o ao mosteiro de *La Caridad*.

LEPORELLO

Não é o mesmo o meu amo, não é o mesmo...

D. JOÃO

Aqui tens porque fui ao cemitério. Onde querias que eu fôsse depois disto? D'ora-avante vou ao cemitério. É melhor do que andar com os galgos pelas vinhas...

LEPORELLO

Eu por mim, estou trespassado, frio. Quando a Estátua se moveu... Ó meu senhor, não fiqueis nesta casa: vinde, vinde. Se a estátua vem... Ides perder-vos.

D. JOÃO, repelindo-o.

Tremias todo, ao fazer-lhe o convite. Hé! Leporello. Se eu não, tiro o punhal, emmudecias.

LEPORELLO

Eu fui como de rastos. — Não entendo: não sei quem vos levava para ali. Parecíeis fascinado a caminhar. Estava fechada a porta. Era um aviso. Pois nem assim; fôstes saltar o muro. Eu parti duas unhas ao subir. Estava húmido o musgo. Escorreguei. E onde fomos saltar? Vós bem sabíeis...

D. JOÃO

Quis ver a Estátua. Quis ver a Estátua do Comendador. É o mais alto lugar do cemitério. Vê-se o Guadalquivir, os laranjais. Vê-se Sevilha tôda, e está já longe. Havia névoa. Se fôsse agora... (Tremulina de luar nos vidros.) — Os dedos do luar: há já dedadas de luar nos vidros...

LEPORELLO

Quisestes ver?... Mas nem sequer o olhastes. Fui eu, fui eu que o fitei tremendo todo... vi os olhos de mármore a seguir-vos, e a cabeça inclinar-se para vós... Mal podendo falar, — p'ra que vos disse?... Estou bem arrependido, arrependido...

D. JOÃO

Acreditas que vem?... Vais ter a honra de servir a Estátua.

LEPORELLO

Ó meu senhor, fugi emquanto é tempo. Vem com certeza, vem. É certo, certo...

D. JOÃO, com um sardonismo lúgubre.

Talvez, talvez. Está bem húmida a noite. Mas sendo-se de mármore, não faz mal.

LEPORELLO

Vou fechar a porta. Quereis que acenda?

D. JOÃO

Não feches. Deixa assim. (Apontando um bufete.) Acende um candelabro, mas só um.

Ha toques fluidos de luar na sala: nas argentarias, nos cristais, nos móveis, na trama das tapeçarias, irreal. A alameda, na névoa enluarada, é uma perspectiva aquática, de sonho. Está aceso o candelabro no bufete.

LEPORELLO

Estais todo enlameado, mas que importa. Vinde comigo depressa, meu senhor.

D. JOÃO

Tens de servir a Estátua, Leporello. Vê se tudo está bem. És tu que serves.

LEPORELLO, ajoelhando.

Ó meu senhor, meu senhor: ides perder-vos. Quem sabe. A Estátua de mármore já caminha...

D. JOÃO

Tens mêdo?

LEPORELLO

Morro de mêdo, meu senhor. Salvai-vos. Salvai-vos e salvai-me.

D. JOÃO

Bem. Eu mesmo servirei a Estátua. Queres partir p'ra longe. Podes ir.

LEPORELLO

Permitis... permitis... Como sois bom. Mas vinde vós também. Vinde comigo.

D. JOÃO

Vai, mas depressa. Necessito estar só. Vai. Podes ir.

LEPORELLO

Consentis... consentis... Ficais sòzinho?...

D. JOÃO

Podes ir. Assim eu me fôsse de mim mesmo.

Leporello beija-lhe as mãos em despedida.

LEPORELLO, uma humildade hipócrita.

Há uma coisa, meu senhor... Não me atrevo a dizer-vos...

D. JOÃO

Nem precisas. P'ra quê? Queres o dinheiro que eu te devo, Leporello. — Que fiz eu quando passei na catedral? Já te esqueceste?

LEPORELLO

Destes tôdas as moedas, tôdas as jóias que trazíeis aos mendigos. Os anéis, mesmo as esporas de oiro. Foi um pedinte coxo que as levou. Ia aos pulos com elas de contente. Se levásseis espada, também ia.

D. JOÃO, com uma calma alheada, sem o olhar.

Dou-te amanhã a minha espada: queres? Tem os copos de oiro: é toledana. E dou-te o meu punhal. Vem amanhã.

LEPORELLO, hesitante.

Amanhã?...

D. JOÃO

Amanhã, calculas tu, não existe o teu amo; e não é de crer que faça ainda esta noite testamento A Estátua de mármore já caminha... Bem. Fica então. Depois da ceia falaremos...

LEPORELLO

Amanhã, meu senhor. Venho amanhã..

Sai pela esquerda recuando, em reverências. D. João, numa atitude de fadiga, vai à porta do jardim: olha a alameda. O luar clareia, oiresce a névoa. Dentro, um rumor: D. João volta-se. Outra vez Leporello: com êle, a mêdo, Helena Coeli.

LEPORELLO

Deixaram-na entrar, não sei quem foi. Estava aqui há três horas a esperar-vos. Há-de ser sempre assim. Não tive culpa...

Some-se. Helena Coeli e D. João fitam-se imóveis. Ruiva e alta, ebúrnea: corpo em que o génio da raça se modela.

D. JOÃO, lentamente.

Em Madrid. Vi-te em Madrid no inverno. Mal te olhei. (Pausa) Eras bela de mais. (Mais alto) É a mim que vens?

HELENA

Sou tôda vossa há muito. Fui-o sempre.

D. JOÃO

Porquê agora?

HELENA

Só agora me trouxe o meu destino.

D. JOÃO

Eu sei a máscara de carne do desejo. Mima eterno. Como se fôsse de mármore. E é um ins-

tante. (Mais perto dela: uma expressão de piedade em que inflexões de carícia ainda crepitam) És bela... Sabes que é um instante de vertigem?

HELENA

Sei que é a minha vida. Nada mais.

D. JOÃO, fitando-a.

És bela como o adeus do meu desejo. Es o adeus do meu desejo em estátua.

HELENA

Porquê o adeus?

D. JOÃO

És, a caminho do deserto, a última fonte.

HELENA

Bebe e caminha: nada mais te peço.

D. JOÃO

O meu desejo dói-me: está enfêrmo. Como se fôssem nascer-lhe asas, está enfêrmo.

HELENA

Pisa-me e passa. Guardarei os vestígios dos teus pés...

D. JOÃO

O que amas tu em mim?

HELENA

A tua sêde.

D. JOÃO

Uma sêde que os beijos exasperam?

HELENA

Uma sêde a que os beijos dão mais sêde.

D. JOÃO

Há outono, há todo o outono em mim. E passam asas sôbre fôlhas sêcas.

HELENA

Porque não passas assim sôbre o meu corpo?

D. JOÃO

Como uma asa?... Era de chama o meu desejo: dói-me. Como se fôssem nascer-lhe asas, está enfêrmo.

HELENA

Olha os meus olhos. Sente a minha carne.

D. JOÃO

Estou transido de humidade. Cheira a outono.

HELENA

As minhas mãos são mãos de coroação.

D. JOÃO

Vens coroar de espinhos o desejo. Fala mais baixo: está enfêrmo: dói-me.

HELENA

Há piedade em mim. E há doçura. Há carícias de nuvem no meu corpo. Vem a mim todo ferido, todo em sangue. Oh! Venha a mim o teu desejo em sangue...

D. JOÃO

Tens uma voz de ave-maria, tu. A volúpia que reza: coisa turva, coisa turva e profunda a voz da carne.

HELENA

Perto da bôca que te fala assim. Vem pertinho da bôca que te fala...

D. JOÃO

O meu desejo dói-me, está enfêrmo. É um romper de asas como uma agonia.

HELENA

Nenhuma bôca beija como a tua. Que outra bôca para a minha bôca?

D. JOÃO

Queres que te beije os pés? — Posso beijar o desespêro a que te levam.

HELENA

Beijas depois os pés. Beija-me a bôca.

D. JOÃO

Queres que te beije os seios? Posso beijar a amargura que darão, por mais doce o seu leite, por mais doce.

HELENA

Beijas-me os seios, mas primeiro a bôca.

D. JOÃO

Queres que te beije o ventre?

HELENA, muito baixo.

É todo espuma.

D. JOÃO

Beijo a dor que há-de gerar, se queres.

HELENA, hirta, como em síncope, ofertando-se.

Beija-me a bôca já. Beija-me a bôca. Beija-me a bôca sem palavras. Beija-a.

Aproxima-se dela devagar. Tem uma expressão dolorosa, quási lúgubre. Beija-a na bôca demoradamente.

D. JOÃO

Como uma pedra de ara. (Fitam-se. A palidez dela, o olhar dizem terror.) Dá-me os teus seios.

Com a face em estupor, ela desnuda-os. D. João inclina-se beijando-os, como um frontão de altar, humildemente.

D. JOÃO

Como se fôssem duma estátua tumular, da estátua tumular do meu passado.

HELENA, afastando-se um pouco, toda trémula.

Uma friagem que me passa tôda....

D. JOÃO

Há outono, há todo o outono em mim.

HELENA

Quem és tu que me gelas? Quem és tu? O meu amor és tu? És D. João?...

D. JOÃO

Sou o que tôda a vida amou só Uma.

HELENA

Não és tu então... e és tu que eu quero. Há martírio em ti, e há luxúria.

D. JOÃO

Sou o que tôda a vida amou só Uma.

HELENA

Não, não. Tu mentes. Não. Não acredito.

D. JOÃO

Sou o que tôda a vida amou só Uma.

HELENA

Estás crestado de beijos: eu bem sinto. Há todo o outono do amor em ti.

D. JOÃO

A que eu amo, quando bate à porta, bate à porta com mãos de fôlhas sècas; vindima estrêlas pelos céus de outono; e há mais sonho no ar se desce às vinhas...

HELENA

Eu sou a tua vinha, e tremo tôda. Vindimador de morte...

D. JOÃO

Assim eu fui.

HELENA, com esfôrço, a querer sorrir-lhe.

Sou uma vinha em flor.

D. JOÃO

Vai-te. É outono.

HELENA

Amas só uma agora?

D. JOÃO

Agora e sempre.

HELENA

Não mintas mais. Não mintas. Eu conheço-te. Eu sei a tua vida: sei-a há muito. Vais entre corpos de mulheres violadas, vais entre corpos nus fugindo sempre, como o desespêro entre colunas, entre as colunas dum palácio em sangue. Porque me dizes tu que amas só uma?

D. JOÃO, fitando-a, com fervor.

A mesma sempre: está a ouvir-me em ti, a chamejar no teu cabelo ruivo: o teu perfume é seu; a tua pele é *Ela* em flor, é *Ela* em jasmim branco; e o espanto e o terror que há nos teus olhos, são *Ela,* a sombra d'*Ela* na tua alma... O ritmo do teu corpo, dos teus gestos, é o seu silêncio: tôda

a música; as tuas mãos de coroação coroam-na; e os teus cílios que Deus fez tão curvos dão-lhe frescura neste mesmo instante, quando se mira nos teus olhos verdes...

HELENA

Mas dize emfim: quem é? Dize o seu nome.

D. JOÃO, como hipnotizado.

É *Ela* debruçada na tua alma, *Ela* na tua voz a interrogar-me...

HELENA, crispando as mãos.

Mas *Ela,* quem? Numa palavra: dize...

D. JOÃO, mais baixo.

Chamam-lhe Morte. — Não a vês... não sentes?...

HELENA

Morte, dizes tu...

D. JOÃO

Não a respiras?...

HELENA, olhando à roda, como tonta.

Mas onde? onde?... Estás enfêrmo. Escuta...

D. JOÃO

Em nós, em ti: à nossa roda, em tudo. No espelho prodigioso dos seus olhos, cada instante de vida vai caindo (Mostrando-lhe a alameda), vai caindo como as fôlhas — vê-as!... — como em farrapos de oiro encarquilhado cai o brocado ruivo dos meus plátanos... Só então, na terra, podes tê-las. *Bem nossa, só a morte.* Certo, certo. São como asas mortas. Pois não vês?... São asas duma ave que é só asas: que tem miríades e miríades por corpo; que por cada asa desprendida, tem muitas a nascerem-lhe com dor. Caem assim da nossa alma as fôlhas, pelo olhar da Morte, silencioso. É o único espelho, o olhar *d'Ela*... — Não tem sentido o que te digo? Fala...

HELENA

Oiço os teus olhos mais que a tua voz.

D. JOÃO

Eu oiço-a a Ela só, e palpo-a em tudo. Oiço os seus passos de veludo em mim. Quando a sombra modula, é a sua voz. É *Ela* no luar, sereia fluida, com cabelos de opala e de mercúrio. É *Ela* da raiz do meu desejo; *Ela* no intervalo de dois beijos, como um lírio num jardim murado; *Ela* entre dois corpos enlaçados, como a espada entre Tristan e Iseu...

HELENA, mais perto dele.

Quantas bôcas sorveste que eram bôcas, que eram só bôcas sôfregas da tua?

D. JOÃO

Beijei-a a *Ela* em muitas bôcas: certo. Enforquei o meu desejo em muitas tranças. Não o sabia então; mas sei-o agora. Não a via: só agora a vejo. (Mais baixo, com terror na voz) E no cimo do

espasmo, quanta vez, tôda a miséria nua da minha alma: um mar de lava fria: tédio, tédio... — Ah! Poder-te dizer... Queria uma irmã...

HELENA

Aqui me tens. Sou eu...

D. JOÃO

Não, não: é tarde. E és bela demais. Só *Ela* existe. (Como à escuta.) A Estátua de mármore já caminha. Pan! — Pan!... Oiço-lhe os passos. Qualquer coisa de inouvido... Gela. (Com tristeza) E não podia — sabes? — não podia. Há coisas que a minha alma já conhece, e o meu corpo, coitado, aprende ainda.

HELENA

Que dizes tu?... A Estátua de mármore já caminha?... Tens febre, irmão: há todo o outono em ti. Tens o mal das arvores, da terra. Eu que-

ria ser a tua irmã: escuta... O luar arrefeceu as minhas mãos. Não queres as minhas mãos como enfermeiras...

Estendeu-lhe as mãos. D. João beija-as. Há um silêncio breve.

D. JOÃO

Sinto o aroma da murta. Tu não sentes? É um aroma nocturno.

HELENA

Sinto o outono, como um beijo, em mim.

D. JOÃO

Como um beijo. Tôda bôca a mulher, é tôda sexo. Todo o enigma da mulher é êste: um coração fendido em sexo, como as romãs ao sol nas romãzeiras.

HELENA

As tuas palavras, mesmo amargas, beijam. Ouvi-las é mascar fôlhas de loiro. É amargo e é bom. O que há em ti?...

D. JOÃO

Uma sêde de sofrer, um desespêro, e uma piedade como o luar de outono. Por mim, por ti, por tôda a vida. Vem mais perto de mim. (Fixando-a) O teu desejo dorme, não é certo?

HELENA

Dorme, ou está morto. Não o sinto: dorme. É um sortilégio teu. Porque és assim? Falaste-me de morte, e eu queria amor...

D. JOÃO, dando-lhe uma das rosas que há na mesa.

Ceia comigo. Bebe. Não tens sêde?

HELENA

Ninguém vem?

D. JOÃO

Ninguém. Estamos nós sós. Ninguém. Não achas triste demais?

HELENA

Se queres, eu fico. Há entre nós o meu desejo morto, o meu desejo que te mira, em sonho. É como um morto no fundo dum rio que não bole, que adormeceu com êle para sempre.

D. JOÃO

Fica como a irmã que nunca tive; queria olhar-te em silêncio: depois partes.

HELENA

Não vem ninguém, estás certo?

D. JOÃO

Não. Ninguém.

Lento, três pancadas batem: batem na porta armoriada, nítido.

HELENA, estremendo.

Alguém, vês... Alguém. Porque mentiste? Nunca ouvi bater assim. Gelou-me tôda.

D. JOÃO, à escuta segundos.

É Alguém de mármore, sossega.

HELENA

É Alguém de mármore... — Que dizes?...

De novo, mais alto, as três pancadas.

D. JOÃO

A pressa que êle tem, o Convida de Pedra...
(Alto, com uma voz demudada) Eu vou, eu vou...

Como se quisesse decorá-la, fita-a com piedade e desespêro. Em silêncio, contracturado, levanta o candelabro do bufete: vai assim como um sonâmbulo, pela alameda em que o luar doira as folhagens. Chegou à alta porta chapeada. Dominando o seu terror, abriu-a. Curva-se um instante ante a brancura atónita da Estátua enquadrada na porta gigantesca. Caminha com ela, ao lado dela. Helena, que os vê, sufoca um grito de terror e foge. Entram na sala. A lividez de D. João é cadavérica. Há nos seus olhos um fulgor heróico.

D. JOÃO, com uma voz sem timbre, mas que é firme.

Esperava-te. Eu mesmo servirei. A ninguém dou a honra de servir-te.

Indica-lhe o logar em reverência. Deita-lhe vinho dum gomil litúrgico, a fazê-lo espumar, vertendo de alto.

O CONVIVA DE PEDRA

Queres dar de beber ao teu remorso?

D. JOÃO

Nem o vinho de tôda a Andaluzia.—É dum mármore mais forte do que tu.

O CONVIVA DE PEDRA

Foi só uma insolência o teu convite? Porque quiseste que viesse? — Ou não quiseste?...

D. JOÃO

Nem eu sei. O gesto sobrevive ao pensamento. A insolência é morta. Foi-se, foi-se.

O CONVIVA DE PEDRA

Se ajoelhares ante mim, se ergueres as mãos, supões que te podia perdoar?

D. JOÃO

Tenho ajoelhado muita vez ante mim mesmo, e não pude, não posso perdoar-me.

O CONVIVA DE PEDRA

É a ti mesmo que tu pedes perdão da tua infâmia?

D. JOÃO, mais perto dele, uma expressão de desespêro imenso.

À minha alma, à minha alma. Garrotei-a com as mãos da luxúria, doce e doce...

O CONVIVA DE PEDRA

Cada gesto teu é um novo crime.

D. JOÃO

Sou mais eu mesmo a cada instante: certo.

O CONVIVA DE PEDRA

Vês-te na jaula do teu corpo, e amas-te.

D. JOÃO

Só amo em mim o que eu espero ser.

O CONVIVA DE PEDRA

O que fizeste então a vida tôda?

D. JOÃO

Ter sêde, Mármore, ter sêde.

O CONVIVA DE PEDRA

Nem uma fonte para o teu desejo?

D. JOÃO

Os meus amores, os meus amores foram só sombra. Beijava ar, água corrente, efémero. Enlacei sombra. Bebi nada aos haustos. De corpo em corpo, fui como um cego a tatear de muro em muro. Sempre a essência das formas a fugir-me como o perfume duma flor pisada. Palpei, palpei, e era a caveira sempre, como um sarcasmo de ossos, laminado.

O CONVIVA DE PEDRA

De crime em crime, ias insatisfeito. Era mais, era mais o que tu querias.

D. JOÃO

Era o enigma das máscaras, das formas; era no instante-espasmo, a eternidade. Se tu soubesses, Mármore... Um possesso de eterno, é o que eu fui

sempre. Do rosário de crimes desta vida, só pensei em Deus desfiando as contas.

O CONVIVA DE PEDRA

Foi quási uma oração a tua vida...

D. JOÃO

Beijar assim, é mais do que rezar: é tatear ao sol buscando o Amor.

O CONVIVA DE PEDRA

Vais continuar ainda a procurá-lo?

D. JOÃO

Na humildade, no pó, beijando o pó depois de ter beijado tantas bôcas.

O CONVIVA DE PEDRA

Queres que te diga quanta dor geraste?

D. JOÃO

Eu o sei, eu o sei. Quanta dor eu gerei, frutificou. Frutificou como um prodígio, em mim. Queres visitar os meus pomares de outono? Como não ceias, vem: vou-tos mostrar.

O CONVIVA DE PEDRA

Vais-me fazer as honras da tua alma...

D. JOÃO

Podes pisá-la com os teus pés de mármore. É o lagar da minha dor: dá vinho. Quanto mais pisada, melhor vinho.

O CONVIVA DE PEDRA

A tua dor... Tu sempre. E a dor dos outros?

D. JOÃO

Ninguém ma tira. A dor dos outros, em mim, é a minha dor. Tão enlaçada à minha, é da minha alma. Boda perfeita. Não conheço outra.

O CONVIVA DE PEDRA

E as bodas de sangue e do desejo, a luxúria sacrílega de sempre?... Ao assalto, quanta vez, de espada nua, de espada nua e tinta como as vítimas: quanta vez floriste o teu cinismo decapitando beijos como rosas?

D. JOÃO, baixo.

Veem pesados de destino os beijos, como um fruto ao cair na terra mole. Caem como as estrêlas em setembro pelo pomar do céu, silencioso.

O CONVIVA DE PEDRA

Tu passas e é a hora da colheita...

D. JOÃO

Deixa contar-te, Mármore: ora escuta. (Encosta-se a um bufete, o Conviva de Pedra em frente dele, como se qualquer coisa o fascinasse na trama empoada da tapeçaria. Sem gestos, como em confidência) Nas catedrais de Espanha há santas trágicas. Teem cabelos vivos... E eu amei-as. Era pequeno, ao pé de

minha mãe: a sua lividez fazia a minha. Bispos e padres, entre vozes de órgão, perfumavam-nas de incenso para mim. Os seus olhos de vidro só me olhavam. E eu empedrava todo, de desejo. (Silêncio breve. Tristemente) As primeiras que amei, essas bonecas...

O CONVIVA DE PEDRA

Foi sempre poluir, o teu destino.

D. JOÃO

Foi poluir, amando. Actos são máscaras. Só a vida da nossa alma é tudo.

O CONVIVA DE PEDRA

Assassinaste de alma em oração...

D. JOÃO

Matei, matei. Sei-o de cor, ó Mármore. Viver é ir matando, em agonia. Mãos de carícia e mãos de prêsa, as minhas. E de piedade trémula, de gôzo... Beijo os olhos das corças ao morrerem. A graça

orante das pupilas, beijo-a. E a dos joelhos que se dobram, doce... — Há uma asa ferida em cada forma. — E vou de novo à caça, em desespêro. E cheio de piedade: tu entendes?... E uma amargura em mim, uma amargura que salga o ar da noite em que respira.

O CONVIVA DE PEDRA

Vais de vítima em vítima, sofrendo...

D. JOÃO

Digo contigo, Mármore. Assim é. O delírio da posse é o meu delírio. E tudo se escoou entre os meus dedos. Crispei as mãos em vão, contracturei-as. Cravei as unhas muita vez prendendo... Prendendo fumo, sonho, e as íris loucas como flores com caules de vertigem... A luxúria sorveu-me. E renasci. Bebi o ópio dos seus olhos fluidos. Senti-lhe a bôca fria e sugadora, colada às minhas vértebras de lento. O meu desejo, galgo enlouquecido, correu-lhe os labirintos com terror. O seu nada filou-me, semi-morto. E tive sêde ainda...

O CONVIVA DE PEDRA

Mais ainda?...

D. JOÃO

Tôda a minha virtude, a minha sêde. (Como tentando seduzir a Estátua) Deixa contar-te, Mármore: ora escuta. No escoar de tudo à minha roda, no outono que é mesmo a primavera, há uma certeza só: o Amor existe. Instantes em que a carne é transparente, eu o ouvi em mim, em voz de reza. Nos longes da memória, muita vez, oiço-a como um ângelus de fontes, a voz de minha mãe... Uma promessa. Ume promessa a mais, essa voz longe. O Amor existe, Mármore. Estou certo. Sabia-o sem saber, desde pequeno. Que tinha eu para buscá-lo, Mármore? — Era em Sevilha. À noite, os laranjais bebem-se numa copa de perfumes. — O meu desejo multiforme e imenso: de chama e bronze, serpentino e fluido, lâmina damasquinada de Toledo e penugem de nuvem a sumir-se... E imperial em mim como o destino, com raízes nos meus poros sôfregos, iriado em borboleta e corvo; meu húmus, minha seiva, minha flor...

O CONVIVA DE PEDRA

Não ergas tanto a voz. Fala mais baixo. A tua glória boia no luar. É uma carcaça podre à flor dum lago...

D. JOÃO, lento, com a bôca franzida de desprêzo.

Tens a morte da vida que viveste. És um bloco de carreira, rude. A dor tem muito a desbastar em em ti.

O CONVIVA DE PEDRA

E a ferida que me abriu a tua espada?

D. JOÃO

Tocou-te bem de leve, agora vejo. Nem despertou em ti, a tua alma. Morreste, é certo, mas não viste a Morte... (Com um sorriso alucinado, a voz carícia) Deixa dizer-te, Mármore: ora escuta... Só o Amor existe. O Amor existe... Procurei-o nas árvores, no mar. Uma amendoeira em flor foi minha noiva. A ver a espuma à beira-mar, pensava: — é o seu sorriso, é ela. E olhava à roda. Mas

onde estão os olhos, onde a face?... Onde é que Deus esconde a criatura cujo sorriso vai esparso em mares?... Outras vezes nas nuvens: via-o, via-o, via o sorriso dela alguns instantes. E logo o vento, brusco, o desfolhava. Como na primavera, amendoeiras. Morrem assim amadas pelo ar...

O CONVIVA DE PEDRA

Fizeste a muitas como o vento às nuvens.

D. JOÃO

Tive ciúmes do vento muita vez... Ah! Possuir emfim... Mas quem? mas quem?... As faces são só máscaras. E as almas?... O meu reino é para além da carne. Ora escuta, Mármore: não sentes?... — Há uma nos meus braços: vê-a... vê-a... Parece morta, podes crê-la morta. A volúpia agora nos seus nervos, é uma música longe, um pó de sons, uma chuva de verão sôbre folhagens... Queda assim, como morta, ainda algum tempo. Eu espero, espero... Entreabre as pálpebras. Desperta. Volta a mim. Já ressuscita... Abriu os olhos, vê: tem-nos nos meus!... E é um

diálogo trágico de espelhos. Morto o desejo, ah! como os olhos sondam, como se sondam, Mármore, sem fim... Dois vazios que se miram, loucos, mais alheios que nunca, mais estranhos... Gela na alma, Mármore: faz frio... E diz-se adeus, e não se sabe a quem... E a sêde na alma, cresce, cresce... Uma fadiga então, uma fadiga como se tivesse mendigado por desertos, nascido e morrido muitas vezes, como se tivesse sido todo o Homem... Não quero ouvir as tôrres: exasperam-me. A conjunção dos astros silenciosa.

O CONVIVA DE PEDRA

Prometo-te silêncio, e bem gelado.

D. JOÃO

É o teu. Ofereces o que tens. Mas há outro, Mármore, há outro. Há um silêncio que tem plumas de êxtase. É o silêncio d'*Ela*... — Não o sentes? Agora mesmo... É uma flor sem pétalas: uma invisível, incorpórea flor... — Não ficas todo poros, não aspiras?... — Um silêncio que é nudez perfeita, em que as formas se contemplam puras...

O CONVIVA DE PEDRA

És tu que vens falar de formas puras?...

D. JOÃO

Puras, Mármore. Sem máscara. Nuas, Mármore, quais são: como uma alma no olhar da Morte... Há um reflexo de eterno que lhes bate. O tempo, essa máscara de horas, já caíu. É outono na terra e na minha alma. (Como em segrêdo) Oiço os passos da Morte pelas vinhas. Não há tempo, Mármore: tu sabes?... As máscaras caem como fôlhas sêcas... Vejo a face da Terra. Agora vejo-a... É uma face de Mãe...

O CONVIVA DE PEDRA

Anda nas vinhas, dizes tu, a Morte...

D. JOÃO

Oiço-lhe os passos, ao luar, nas vinhas... Não a ouves em mim?... Também me pisa. É outono na terra e na minha alma.

O CONVIVA DE PEDRA

E há uma fibra que não trema em ti?... Os teus cabelos estão em pé, agora...

D. JOÃO

Como as ervas, na noite, se *Ela* passa. Tudo se ergue para *Ela,* Mármore...

O CONVIVA DE PEDRA

Estás branco como eu, neste momento...

D. JOÃO

O meu amor está perto: é natural. Oiço-lhe os passos, ao luar, nas vinhas... O sangue aflui-me todo ao coração.

O CONVIVA DE PEDRA

Vai convidá-la, vai; enche-lhe a taça.

D. JOÃO

Está sempre aberta a porta para *Ela*.

O CONVIVA DE PEDRA

É a hora de expiar que se aproxima.

D. JOÃO

É de joelhos que a recebo, Mármore.

O CONVIVA DE PEDRA

Olhas a expiação como a volúpia?

D. JOÃO

Como a luxúria donde saio virgem. Quero dar-me, Mármore, dar-me, dar-me, eu que andei em pilhagem tantos anos. Toda a dor que engendrei, que venha a mim. Há mais nervos em mim para a viver. E fibras que remoçam no meu corpo. O cabelo da dor quero esfiá-lo, quero beijá-lo fio a fio, Mármore...

O CONVIVA DE PEDRA

Tens tempo para tanto, cuidas tu...

D. JOÃO, baixo, um sorrir de mistério, arrepanhado.

Já não há tempo, Marmore: não sabes?... Anda nas vinhas, ao luar, a Morte. Essa máscara de horas já caíu.

O CONVIVA DE PEDRA

Em muitos seios que beijaste, há cancros...

D. JOÃO

Venham a mim, criem em mim raízes.

O CONVIVA DE PEDRA

Um filho teu morre talvez de fome...

D. JOÃO, descaindo os braços, num tom rouco.

A eternidade para sofrer, é minha. (Pausa. Como a si mesmo) Tive talvez um filho. A mesma sêde nele, a mesma lava. É criança, talvez adolescente. Seduz como respira. E vai sòzinho... Oh! ser o seu irmão, adivinhá-lo... Reviver nêle hora por hora, a vida...

O CONVIVA DE PEDRA

A vida de amargura...

D. JOÃO

...que eu adoro. Eu amo a vida, cada instante, como tu a tua filha: mais que tu. Se tu soubesses como a amo, Mármore... Com um amor e uma piedade imensos. Como se ama num naufrágio. E com esperança...

O CONVIVA DE PEDRA

Anda nas vinhas, ao luar, a Morte...

D. JOÃO

Ao longo da minha alma, vai também. E pisa fôlhas sêcas. Dança, dança... Só quem adora a vida, lhe ouve os passos. A Morte ronda a vindimar estrêlas...

Está saturada de luar a sala. O lustre ao centro, é, invertida, uma roseira de cristal e lua, um prodígio de flora submarina. As tapeçarias, diluindo-se, dir-se-ia escutarem com espanto. Atenta, a alma das coisas flutua no luar que alaga tudo. Na alameda, as fôlhas caem com um vagar inverosímil, de lâmina de claridade em lâmina de claridade, até rasarem a terra em beijo místico. O silêncio é uma esponja de lua, gotejante.

D. JOÃO, sacudindo a cabeça como tonto, como se o luar o asfixiasse.

De certo a terra é transparente. Podem ver-se os mortos, como em sonho. Não és só tu, Camarada. Há outros que eu queria interrogar. Outros que me olhariam com piedade. A minha mãe... Nunca a viste?... Não podes entendê-la, que és

de mármore. É tôda, tôda feita de perdão. E outras, em quem caíu o meu desejo morto como uma pá de terra...

Dir-se-ia que flutuam. Um acorde de silêncio suspendeu-os.

O CONVIVA DE PEDRA

Se eu te abrir os braços... Vens!?... — Ou não? Tens mêdo que te gele?...

D. JOÃO, de repente abstraído, como quem conta um conto.

Passei um inverno, em pequeno, num solar de Castela. Estou a ver-me... Teria talvez sete anos. Uma manhã, — no jardim transido, todo branco, — modelei na neve uma boneca; e enlacei-a com febre, doidamente. (Pausa.) Queria gelar ali, de encontro à Amada... Levaram-me pr'à cama quási a rastos. Creio que adoeci. Já mal me lembro... (Fitam-se instantes.) Não era menos fria do que tu...

Com uma serenidade transcendente, dá dois passos para Êle: abre-lhe os braços. A Estátua de mármore recua.

ACTO III

What can a man do but be merry?

SHAKESPEARE.

QUADRO PRIMEIRO

Uma antecâmara mal iluminada. É o palácio do Duque de Silvares. Noite. Mobiliário hirto, conventual: um silhar de azulejos brasonado. Porta exterior ao fundo. Duas portas interiores à direita. As paredes ornadas de panóplias: armas antigas tauxiadas de oiro, os crucifixos gráceis dos punhais, dormitam na penumbra, mal se vêem.

Durante a primeira scena, ouvem-se risos de mulher, tinidos de cristais, frases truncadas: de quando em quando, uma voz que canta e é interrompida.

Pela primeira porta, à direita, entram o Duque de Silvares e D. João.

O DUQUE. É um velho. Uma máscara de crápula em que traços aristocráticos subsistem.

Estranho-te. Que tens tu? Estava morto por estar só contigo.

D. JOÃO

Nada. Nada. A coisa mais horrível que há. Não tenho nada.

O DUQUE

Há um tempo, ris de cor, vives de cor. Não és o mesmo.

D. JOÃO

Há um tempo... E tu? Há bem mais tempo que eu. Fingi sempre que te não conheço; mas conheço-te bem.

O DUQUE, um rir forçado.

Oh! Eu não tenho enigma, sou bem claro. Desde a côrte à canalha, todos sabem. Grande de Espanha e bobo, sempre bobo. Uma alma de guizo a tinir sempre. Um homem que se diverte imensamente.

Ruído dentro. Ouve-se partir cristais.

D. JOÃO, olhando a porta.

Os teus vidros de Veneza... Vão-se a rir.

O DUQUE

É a melhor maneira. Vão como eu. (Noutro tom) Mas que tens tu? Vieste sem espada. Falas mais que é natural, ris-te demais. Não és tu, não sei: não te conheço. És o actor que faz o teu papel.

E exagera: não achas que exagera? — E tens um vago nos olhos que não tinhas.

D. JOÃO

Tenho um vago nos olhos... E tu?... Há quantos anos que andas a matar-te, não conseguiste ainda: não pudeste. E divertes-te sempre, és sempre alegre. Não há ninguém mais alegre do que tu.

O DUQUE

Matar o Comendador é bem mais fácil. (Pausa) Pouco mais velho que eu: três anos mais. Não sei se sabes que brincámos juntos... Em Aranjuez, noutro planeta. Dizem que os jardins são ainda os mesmos.

D. JOÃO

E és meu amigo, meu amigo...

O DUQUE

Teu amigo. E gostei que os juízes te absolvessem. Faria o mesmo eu, faria o mesmo.

D. JOÃO

Acredito. Não te atreves a julgar. Achas difícil. Só julgam fàcilmente os imbecis.

O DUQUE

Por isso te não julgas, não é certo?

D. JOÃO

Não tenho perspectiva p'ra me ver. Agora mesmo, bêbedo de nada, há em mim vertigem: não me vejo.

O DUQUE, com um sorriso estranho.

Já eu não sou assim. Gosto de ver-me.

D. JOÃO

És o Narciso da crápula. Bem sei. Cada dedada a deformar-te a máscara, olha-la com humildade amorosíssima. Extingues-te, beato, na torpeza. És o espectador do teu naufrágio.

O DUQUE, baixo.

Como é lento na lama...

D. JOÃO

Querias que fôsse assim, eternidades... E o teu irmão em S. Domingos, reza. ¿Não foste vê-lo, o asceta da família? Como está êle? Andou comigo ao colo.

O DUQUE

Não tenho coragem de voltar. Não volto lá. A última vez, ao ver-me, confrangeu-se. Caíam-lhe as lágrimas a olhar-me. (Tocando a face) Esta crónica viva...

D. JOÃO

Mais do que viva, melhor: a decompor-se...

O DUQUE, sorrindo estranhamente, muito baixo.

Dizes bem, dizes bem: a decompor-se.

D. JOÃO

E lembras-te que tens antepassados — diz-se: é positivo que se diz — no coração do Escurial, no *podridero*.

O DUQUE

Possível... possível... Quero crer.

D. JOÃO

Lembra-me uma noite que te levaram a rastos pelas salas. Tu não davas por nada. Tanto vinho... (Pausa. Fitando-o) Só eu sabia como estavas lúcido, e que gozavas com fervor, gozavas...

O DUQUE

Tu sabias... tu...

D. JOÃO

Passar assim na galeria dos retratos, era a maior luxúria para ti...

O DUQUE

Era a Raça a assistir, a ver o neto...

D. JOÃO

Era a aresta do êxtase: bem vi. A tua consciência fasciava-se. Cada olhar de retrato, uma faceta...

O DUQUE

Nunca me vi tão bem. Sou eu, sou eu: dizia-me a mim mesmo sem palavras...

D. JOÃO

E em eco, os retratos: êle... é êle...

O DUQUE

Tu sabias... tu... É curioso. Como é difícil conhecer alguém... Somos sombras loucas entre sombras.

D. JOÃO

Já que te faz gozar, vou repetir-to. Houve mais dois olhos que te viram. Não foram só os olhos dos retratos. (Pausa.) A volúpia que tu tens em te humilhar, ante os olhos da Raça, ante ti mesmo, é a que prostra teu irmão em S. Domingos, os pés nus nas sandálias, bôca em reza, ante a Sombra viva do seu Deus. É o mesmo sangue, sabes?... É o mesmo.

O DUQUE

E és tu que mo dizes... Não pensei...

D. JOÃO

O mesmo, digo-te: é o mesmo. Há só mais ganga em ti. A essência é a mesma.

O DUQUE

Estás a caluniá-lo. Pobre irmão...

D. JOÃO, fitando-o.

A tua cara mesmo, tôda opada, é uma máscara vil: rugas e edemas; mas neste mesmo instante, nos teus olhos, há uma luz de infância: estou a vê-la. A que tinhas nos jardins de que falaste: nos jardins de Aranjuez, noutro planeta...

O DUQUE

Quem te mudou... meu Deus!...

D. JOÃO

Que supões tu, que tentas tu supor? Porque é então que o Duque de Silvares só vive a atirar lama ao seu brasão? Podias viver na côrte como os outros, *cubierto* ante o teu Rei, faustuoso e nulo. Porque preferes tu a lama à ordem, e a vileza aqui, na casa ilustre, a seres um autómato digníssimo, um manequim heráldico de côrte?

O DUQUE

E uma febre maligna... longa, longa.

D. JOÃO

É outra febre que tu mal suspeitas. A mesma que suca instante a instante, e faz tremer na sua cela o teu irmão. (Mais perto dele) Eu sei... eu sei... Não digas nada.

Silêncio. O Duque olha-o com espanto e com ternura. Abre-se a porta à esquerda. Alguém espreita. Entram Carlos de Aldovan e outros.

CARLOS DE ALDOVAN, a D. João.

Disseste que saías uns segundos, e nunca mais voltaste. Não se pode sem ti, não se respira. ¿Era qualquer coisa muito urgente?

OUTRO

¿Que tramavam os dois nesta penumbra, nesta penumbra de capela, fria?

OUTRO

É o que se vai saber. O Duque conta. Algumas gotas mais, e conta tudo...

D. João olha-os a sorrir, distante.

O DUQUE

Não tenho que contar. Não houve nada. Foi um diálogo de espelhos, sem palavras.

D. JOÃO

Vocês ouviram? .. Não. Ninguém falou. Miramo-nos calados. Nada mais.

CARLOS DE ALDOVAN

Basta olhar para os dois. Há qualquer coisa. Foram segredos, qualquer coisa estranho.

UM DELES

Segredos, pensas tu. Não há segredos para nós. Sabemos tudo. Queres ouvir? Ora ouve lá. Só um... (A D. João, tocando-lhe no ombro) — ¿Quem foi que meteu a amante nua — uma noite de verão era em agôsto — numa armadura imensa de Toledo, e lhe deu de beber pela viseira?

TODOS, gritando.

Quem foi?...

OUTRO

¿Quem viveu em Granada numa *cueva,* numa *cueva* de ciganos, no Albeycin, uma semana santa de luxúria a ouvir coros de monjas nos conventos?

VOZES

Quem foi?...

O PRIMEIRO

¿Quem fêz confidências a Ibraím, Ibraím o judeu, poeta e ourives, para compor *De carne monacarum,* o poema erótico das ordens?...

OUTRO

¿Quem lhe ditou o sétimo capítulo: *Sôbre o espasmo das Carmelitanas,* num jardim do Generalife, no mais alto, contra o cipreste de Boabdil, vendo a Serra Nevada tôda pura?...

TODOS

Quem foi?...

OUTRO

¿Quem lho pagou com um farrapo de hábito e três rubis dos copos de uma espada?

TODOS

Quem foi? Quem foi?...

D. JOÃO, tentando dominá-los.

Chut! Chut!... Eu vou dizer.

O PRIMEIRO, mais alto.

¿Quem, encontrando nua no seu leito uma que veio para dar-se, virgem, a recusou por lhe bater a lua, e não ser digna já das suas mãos?... Quem foi acompanhá-la a dizer sempre: — «Só um anjo neste instante, um anjo...»

D. JOÃO

Vou-vos dizer, vou responder a tudo; mas deixai-me primeiro com o duque.

O PRIMEIRO

Não, não; não, não... Ides dizer. — Quem é que deu a trança, trança negra, da que mais o traíu, a uma santa, — santa sofrendo entre tocheiros de oiro na mais antiga catedral de Espanha?...

TODOS

Quem foi?...

D. JOÃO

Chut!... Um instante. Vou já ter convosco. (Com uma voz constrangida) Já não há Muranos p'ra partir?

UM, ao ouvido de D. João, como em segrêdo.

Alguém, por ti, está a macerar os seios, está a macerar os seios em Xerez...

D. JOÃO

É pouco tempo. Lembra-te de Ester... (Noutro tom) É um instante só, e estou convosco.

OUTRO

Já, vindes já. Queremos saber. (Cercam-no todos como a querer levá-lo.) ¿Quem incumbiu um alquimista, em Cordova, de lhe criar, em noites de vigília, os mil perfumes das mulheres que teve?...

OUTRO, no mesmo tom, continuando.

E lhe deu, para tal, cabelos íntimos, e os mais impregnados dos estofos?...

TODOS

Tendes de vir, tendes de vir connosco.

UMA VOZ MAIS ALTO

¿Quem pisa a terra como pisa a alma duma que viva só a respirá-lo?

D. JOÃO, com uma voz que é quási dolorosa.

Ouvi! Ouvi... Deixai-me um pouco.

TODOS

Só se vierdes já: já, já connosco.

O PRIMEIRO

¿Quem entre os saltos tontos da matilha, beijou uma manhã de primavera, o seu amendoal que estava em flor?

O DUQUE, baixo, a D. João.

Também eu vou dizer, também eu sei. (Mais alto) — Quem é que empalidece de impossível, quem tem mais sêde, mais do que o deserto?

UM DELES

Ouve a copla do duque. Também êle...

O DUQUE, continuando.

E só ama afinal a sua sede?...

TODOS

Quem é? Quem é?...

D. JOÃO

Calai. calai: só um instante. (Silêncio breve.) Vou já, vou-vos contar um conto, o mais belo que eu sei, um conto estranho...

O PRIMEIRO

Um conto, tu!... Como se chama?

D. JOÃO

É a história dum homem...

OUTRO, interrompendo.

A tua, a tua...

D. JOÃO, continuando.

...dum homem que através de mil mulheres, de tantas que ignorou e foram dele, do beijo ao espasmo, coração e nuca, adorou sempre, sem saber, a Mesma; beijou a Mesma sempre, e lhe rezou...

UM DELES

Quem é? Quem é? Quem amou êle?

OUTRO

A mesma sempre?...

D. JOÃO

Amou só Uma — ouvi-me bem — só Uma.

Fitam-no segundos em silêncio.

CARLOS DE ALDOVAN

E era bela?

O PRIMEIRO

Rompe o mistério. Vá. Donde era ela?

OUTRO

De Sevilha, dize: de Madrid?

OUTRO

De Granada. Eu sei que é de Granada. — Tem cabelos dum ruivo-dogaresa...

O DUQUE, afastando-o.

Deixai-nos sós um pouco. Vamos já.

D. JOÃO

Peço-vos. Vou já, vou já contar-vos. — Tem passos de veludo dentro em mim...

Todos mudam de expressão, quedam surpresos.

O PRIMEIRO

Não tardas, não?...

CARLOS DE ALDOVAN, puerilmente.

Queremos o conto. Prometeste a todos. Chama-se... ora dize: como era? A história dum homem...

D. JOÃO

...que amou Uma. Que tôda a vida, sem saber, amou só Uma. É longo, verás, é muito longo. Tens que ouvir até à madrugada.

CARLOS DE ALDOVAN

Mas vem então depressa.

O DUQUE

Se já não há cristais, há Talaveras. Bebei por Talaveras como os frades, os frades mendicantes e os ciganos.

O PRIMEIRO

Não te inquietes, venerando. Há muito que partir depois do conto.

OUTRO, rindo.

Os teus cristais de Boémia, veinulados...

OUTRO

Temos no *dressoir* copas de jade...

OUTRO

Que o sol vai irisar depois do conto. (A D. João) Contas até ao sol, não é verdade?

D. JOÃO

Até ao sol. Mas ide agora. Um pouco...

Saíram. Dentro, nos primeiros instantes, há silêncio; depois a mesma voz torna a cantar uma cantiga sem palavras, monocórdia.

O DUQUE

Ainda vêem em ti o que tu eras, ou que nãi foste nunca, nem eu sei. (Com um sorriso triste) Vao

diverti-los, sedutor. Seduz. Talha em jóia os minutos. Conta o conto. (Mais baixo) Teem mêdo. Eu sei que teem mêdo...

D. JOÃO

Como tu, tanta vez... Sabemos ambos. Beber não basta... nem beijar. Não basta. Há a cheia do escuro contra os vidros, a noite em plenitude a rolar fora. — E uma vela, invisível, passa, passa...

O DUQUE

Há qualquer coisa que não dorme nunca. Nunca pude adormecê-la, sabes?...

D. JOÃO

Há um em nós que não tem sono nunca, que se esculpta na névoa e no silêncio; há um em nós que nunca cerra as pálpebras.

O DUQUE

Que espera êle assim, de olhos abertos?...

D. JOÃO, veladamente, baixo.

Que *Ela* venha, sabes?... Que *Ela* venha.

O DUQUE

A do homem do teu conto — dize — do homem que através de mil mulheres...

D. JOÃO, interrompendo.

Como um náufrago vai de vaga em vaga...

O DUQUE

Amou a mesma sempre... (A um aceno de D. João) Começo a ver, começo a ver em ti.

Dentro, a voz que canta sem palavras, soa agora mais alto, quási lúgubre, numa espécie de *soledad*, monocórdia.

D. JOÃO

Ouves? Prefiro que cantem sem palavras. Uma cantiga assim dá-se mais fundo; aceita a dor in-

forme, inexprimida, como um soluço da ressaca ou o vento. .

UMA VOZ, dentro.

¿Quem dá bailes de máscaras no outono, para olhar a rir, nos seus espelhos, o cair sem fim das fôlhas sêcas?. . .

D. JOÃO, no tom da voz que lhe falou de dentro.

Sou eu, sou eu. Vieram tantas, havia um tal *fru-fru* pelas aléas, que Leporello lhes fechou a porta, e lhes disse baixinho, em reverência: «Não tenteis iludir-me, ó fôlhas sêcas. O meu amo bem sabe que sois vós.» (Noutro tom) Deixai que me concentre um só instante. Estou a dar forma, a ordenar o conto.

UMA VOZ DE MULHER

Tenho sêde de ti.

OUTRA

Mais que de vinho.

O DUQUE

Teem mêdo. Eu sei que teem mêdo... Que esperas tu?...

D. JOÃO

Que a angústia os beije. Quando já não tiverem que dizer, e o silêncio filtrar em luar frio, como um reflexo de lâmina, então...

O DUQUE

Dizes-lhe então o teu: *Ecce Homo*...

D. JOÃO

Espera, espera. Eu sinto que *Ela* ronda. Quando o riso gelar...

O DUQUE

Contas o conto. Já tenho pena deles. Pobres deles!... E cuidam que vais ser como uma ama, uma ama das Mil Noites e Uma Noite...

D. JOÃO

É um conto divino, o único conto. Nas pausas, hão-de ouvir os passos d'*Ela*. Há nas malhas do meu conto, estrêlas: cadáveres de desejos, mortos, mortos, e através estrêlas... Vais ouvir.

UMA VOZ DENTRO

¿Quem vai à caça na manhã das almas, e regressa com mortos ao crepúsculo? Quem é...

OUTRA VOZ, interrompendo-a.

Vindes ou não?... Queremos ouvir emfim.

Pela porta do fundo entra um criado. Dirige-se a D. João, fala-lhe baixo.

D. JOÃO, falando para dentro.

Vai ter convosco o Duque. É um momento. (Ao Duque) Consentes: recebo aqui alguém que me procura.

O DUQUE

Mulher?

D JOÃO, com fadiga.

Uma mulher.

O DUQUE

Ainda, vês?...

D. JOÃO

Ainda. Creio que não será por muito tempo.

O Duque sai pela direita. Ouve-se o rumor com que o acolhem. D. João vai ao fundo, entreabre a porta. Entra a marquesa de Aldovan: cincoenta anos.

D. JOÃO, surpreendido.

O que te trouxe? Quem te disse onde eu estava? Eu proibi...

A MARQUESA, em sobressalto, baixo.

Um anel a Leporello. Como dantes... (Fixando-o) Quási que me remoça. Quero ver-te...

D. JOÃO

Mas porquê? Porque vieste?... Aqui...

A MARQUESA, precipitadamente.

Espionam-te aqui mesmo. Tu não sabes. Querem a tua vida... a tua vida.

D. JOÃO

Se nao quiserem mais... — Eu sei, sei tudo. Sei bem mais do que tu. Não digas nada. (Com um sorriso composto) Fala-me antes de ti. A tua vida...

A MARQUESA

A minha é a tua sempre, é só segui-la.

D. JOÃO

Não me esqueceste ainda?... Há quanto tempo. A última vez...

A MARQUESA

Tu lembras-te... Tu lembras-te?...

D. JOÃO

Na tarde da caçada... Nós perdemo-nos...

A MARQUESA

Numa granja, sim...

D. JOÃO

Cheirava a fruta. Cheirava a fruta e a mosto: embebedava. Um silêncio no ar...

A MARQUESA

Era um domingo.

D. JOÃO

E recordo-me ainda: de repente, os sinos esfolharam-se no ar...

A MARQUESA

E eu pude emfim chorar contra o teu peito... (Limpando os olhos) Há gente aqui ao lado. Oiço falar. (Apontando) Esse velho doido, como sempre?

D. JOÃO

É melhor do que pensas: podes crer.

A MARQUESA

Mulheres, adivinho... Tu perdoas. — Não corro risco aqui? Ninguém virá?

D. JOÃO

Por pouco tempo, não. Ninguém virá. (Maquinalmente, alheado) Estás a mesma. Há quanto tempo foi? Parece-me ontem...

A MARQUESA

E foi só há dez anos. Eu contei-os...

D. JOÃO

Minha pobre Margarida... E agora?...

A MARQUESA

Vivo num claustro, só: no meu passado. Quási te confundo com os meus filhos. E espero ir assim até à morte. (Olhando-o longamente) Queria ver-te muitas vezes, sabes, ser maternal contigo, olhar por ti. Mas nem devo dizer: só muito baixo a ti, Deus me perdoe!...

UMA VOZ, dentro.

Está contigo a do conto? Vens ou não? Deve ser bela, imensamente bela, p'ra uma demora assim, quási insolente.

A MARQUESA, muito baixo, sufocada.

É a voz do meu filho!... Não disseste...

D. JOÃO, pondo-lhe as mãos, calmando-a.

Está lá dentro, está. P'ra que aterrar-te? Não te verá, não te verá: descansa. (Falando para dentro, imperioso) São pressas de noviço. Que tens tu? Mais estilo; ou digo ao duque que te leve à creche. Já te disse que vou daqui a instantes.

A MESMA VOZ

Mas tens do tempo uma noção tão vaga.

D. JOÃO

Muito mais vaga ainda do que pensas. Podes calmar-te, infante?

A MESMA VOZ

Espero, espero...

D. JOÃO, à Marquesa.

É uma criança, vês?... Já está tranqüilo. Deve ter bebido, bebeu muito... Vais sossegar os nervos e partir. É bem pouco, minha pobre amiga, depois de tanto tempo, mas que queres...

A MARQUESA

Êle vem muita vez? O duque, o duque... O mal que faz aquele velho louco. É preciso que tu, que tu o salves. Admira-te imenso. Se soubesses... É uma criança, uma criança ainda. Vais prometer-me, amor, vais prometer-me. Dize que vais salvá-lo. Mas promete...

D. JOÃO

Faço o que tu quiseres: tu bem sabes.

A MARQUESA

Entra sempre de manhã. Anda tão pálido! E a beber assim... a noite tôda. E com mulheres. Há mulheres lá dentro? Bem sinto pela voz que bebeu muito.

D. JOÃO

Sossega, sossega. Eu prometi. E agora acompanho-te. Perdoa...

Curva-se um segundo a dar-lhe o braço.

A MARQUESA

Mas nem disse ao que vim, tudo que sei...

A MESMA VOZ, dentro.

Uma pregunta só. Uma palavra. Posso dizer?

D. JOÃO, a um gesto implorante da Marquesa, falando para dentro.

Bem. Dize: dize lá...

A VOZ

Queria saber se é loira. Para um brinde... Se fôr loira, quero beber Reno. Foste tu que me disseste — lembras-te? — que um vinho de oiro pá-

lido, fresquíssimo, como o Reno do duque, é o vinho ideal para beber às loiras, às loiras muito brancas...

D. JOÃO

Deixa-me em paz. Eu digo-te depois.

Ouvem-se risos de mulher.

A VOZ

Dize só isto então. É a do conto? Eu queria vê-la, sabes, queria vê-la...

D. JOÃO, a voz ligeiramente alterada.

A do conto?... É cedo para a veres, é muito cedo. — Exageras, criança. Basta, basta...

A MARQUESA, implorando-o muito baixo.

Dize que sim, dize que sim a tudo...

A VOZ

Apetece-me tanto, imensamente... Batia-me contigo para a ver. Dava a vida para a ver, tu sabes...

D. JOÃO

Bebe Reno e cala-te: é melhor.

A VOZ

Se ma não deixas ver, não é a do conto. A do conto é belíssima: estou certo. (Pausa.) Se ma não deixas ver, é porque é velha. (Ouvem-se risos dentro, exclamações.) É velha. É uma velha. Estás vexado. (Ri.) Dize-lhe os versos de Villon à *Belle Heaulmière*...

A MARQUESA

Dize que sim, por Deus!... Dize que sim...

D. JOÃO, alto.

Fazes de mim tudo o que queres. Prometo. Quando acabarmos de falar, entro com ela.

A VOZ

Dás-me a tua palavra?... (Como falando aos que o cercam dentro) É loira, ides ver. Bebemos Reno...

A MARQUESA, erguendo as mãos.

Eu peço-te...

D. JOÃO, calma-a dum gesto, alto.

Sossega, sossega. Eu prometi.

A VOZ, com uma insistência pueril.

Dize: palavra de honra...

Os outros riem.

D. JOÃO

Palavra de honra. Ouviste bem? Palavra.

A MARQUESA, beijando-lhe as mãos.

Amor... amor...

D. JOÃO

Tens de partir agora, minha amiga. Não se pode saber. Com êle assim...

A MARQUESA

Já, vou já. Deixa beijar-te as mãos. Eu é que sei como tu és. Adoro-te. (Noutro tom.) Mas quem é a do conto? Ama-la muito?

D. JOÃO, levando-a para o fundo

Depois... depois... Agora vem.

A MARQUESA

Eu conheço-a, dize?

D. JOÃO

Tão de longe...

A MARQUESA

É muito nova? Como é ela?

D. JOÃO

É eterna.

A MARQUESA

Estás a brincar comigo, meu amor.

D. JOÃO

Juro-te que não. (Silêncio breve.)—E está connosco.

A MARQUESA

Não tens a expressão que eu te conheço. Que tens tu? Parece que respiras outro ar... Oh! Queria confessar-te, saber tudo...

D. JOÃO

Agora não. Bem vês... E se êle entrasse? Não está em seu juízo: bem ouviste. (Apontando à direita) Ouve-lo rir?...

A MARQUESA

Promete que vais ter todo o cuidado. Bem sabes que aqui mesmo...

D. JOÃO

Já te disse que sim. Vai sossegada.

A MARQUESA

Só isto mais, e vou-me. Pude ver-te... (Mais perto dele) Contaram-me — vê lá se pode ser!... — que foi cear contigo... sabes quem?

D. JOÃO

Dize depressa.

A MARQUESA

Alguém que tu mataste num duelo. Oh! Lealmente, eu sei: foste absolvido... Um Convida de Pedra... certa noite... — É verdade? Dize...

D. JOÃO

Foi. É certo.

A MARQUESA

Êle, o Comendador?!...

D. JOÃO

É certo. Certo.

A MARQUESA

Meu Deus!... E é verdade que a alameda dos teus plátanos gelou... que se mirraram todos...

D. JOÃO, tentando rir, levando-a levemente.

Vai vê-la quando queiras. Que doidice! Estão verdes, verdes, verdes, os meus plátanos. (Beija-lhe a mão. Entreabrindo a porta, numa evocação como automática) Cheirava a fruta e a mosto... Não te esqueças...

A MARQUESA

Olha por ti, amor. Lembro-me sempre. (Desaparecendo) E olha por êle, olha por êle, ouviste?

Sai. D. João ouve-a partir, segundos. Volta ao primeiro plano lentamente, com uma tristeza que se ausculta, absorta.

A VOZ DE HÁ INSTANTES, outras vozes.

Não posso mais. Tenho a certeza. É loira, loira, loira... Estou certíssimo. — Como eu estou certo de ir ouvir o conto. — Só o duque acredita!... A infância, a infância... — Se continuas assim a beber Reno, já não há para o brinde...

Ouve-se rir.

D. JOÃO, abrindo a porta.

Não bebas mais, criança. Podes vir. E o duque também. Podem vir todos.

Entram rindo, de roldão. Dois deles trazem candelabros. D. João olha-os sem os ver, ausente.

CARLOS DE ALDOVAN

Apresenta-me a mim... a mim primeiro. (Pára idiotamente.) Onde está ela?...

D. JOÃO

Em ti, em mim, em todos nós. Em tudo.

Muitos riem. Só o Duque, e alguns mais ficam calados.

UM, a Carlos de Aldovan.

Não digas que a não vês... É linda, linda. E dum loiro irreal. Adivinhaste. Deves beber mais Reno...

OUTRO, gritando.

Venha Reno. Reno...

OUTRO, a D. João.

Foi-se a mulher, vamos ao conto. Emquanto êste procura na penumbra. (A Carlos de Aldovan) Procura pelos cantos; talvez durma.

CARLOS DE ALDOVAN, que empalidece imenso, a D. João.

Não ma deixas ver? Onde a escondeste?

D. JOÃO, com uma voz mate, lentamente.

Não depende de mim que tu a vejas. Hás-de vê-la mais tarde, certamente... Eu vi-A há pouco, uma manhã de outono; depois dum baile de máscaras no outono, um baile que sabia a fôlhas sêcas. Foi a primeira vez. Tens tempo tu...

CARLOS DE ALDOVAN, cerrando os dentes, com uma cólera infantil, irreprimível.

Basta de escárnio. Dize. Apenas isto... Tu disseste ou não: palavra de honra, palavra de honra que ta deixo ver...

D. JOÃO

Hás-de senti-LA em ti: não tenhas pressa. O tempo há-de abolir-se nesse instante. — Se queres que tenha dito, disse, disse... Não te zangues comigo.

CARLOS DE ALDOVAN, em frente dele.

Mas confessas? Dize que confessas...

D. JOÃO, sorrindo.

Confesso o que quiseres. Que mais queres tu?

CARLOS DE ALDOVAN, indo p'ra êle.

Dizer-te que és infame... que és infame...

D. João fica imóvel. Como o não deixaram avançar, Carlos de Aldovan tirou a espada: espera em frente dele: os outros cercam-nos. O duque vai ao fundo, arranca uma espada da panóplia, e vem trazê-la a D. João que lhe não toca.

D. JOÃO, a Carlos de Aldovan, com uma intonação um pouco vaga.

Criança...

No silêncio e no pasmo que há à roda, D. João sai como alheado.

O Duque dá alguns passos a segui-lo.

QUADRO SEGUNDO

Noite. Uma rua de Sevilha. Erra no ar, empalidece estrêlas, como um pressentimento de manhã. Casas de gelosias e balcões, portas abrindo para pátios árabes em que a sombra se anicha a ouvir as fontes. Corre nas veias do silêncio o seu veludoso adágio de água. A rua é íngreme. D. João desce-a com fadiga, devagar. Os cravos das sacadas já incensam. Pára à porta dum pátio: contra as lajes, há uma forma de bruços, como morta. D. João baixa-se. Hesita instantes. Toca-a.

A CRIATURA, uma voz infantil, num tom de sobressalto e de piedade.

Alguem me quer?... Pois sim. Se ninguém passa...

Desenvencilha-se dos farrapos com esfôrço, e à luz dum revérbero, D. João pode vê-la. Tem uma face de criança, emaciada; cabelos de oiro amortecido; e os olhos, os grandes olhos de pureza e febre, estão a arder de inocência e de perdão.

D. JOÃO

Querer-te... Onde foi que eu te vi?...

A CRIATURA

Não sei. Vim de Córdova há dias, não sei quantos. Vim a pé, mendigando...

D. JOÃO

Onde foi que eu te ouvi?...

A CRIATURA

Cantava às vezes nas feiras, nas estradas. Mas agora já não. Há muito tempo. Não sei, não sei onde me ouviste.

D. JOÃO

¿Porque há tanto perdão no teu olhar?... Se eu erguesse as mãos, não tinhas mais.

A CRIATURA

Não sei. Não sei o que há em mim. Ninguém me quer...

D. JOÃO

Ninguém te quer... Ó pobre coisa doce, quem és tu?

A CRIATURA

Não me posso lembrar. Faz-me doer. Não sou, não sou. Sabes?... Eu era...

Fica instantes a olhá-la com assombro. Ergue-a do chão, em andrajos, como se erguesse um espectro, de tão leve. Põe-lhe as mãos nas têmporas, e fita-a.

D. JOÃO, como se visse o que diz nos olhos dela.

Estavas coberta de brocado de oiro... E eu rasguei-o a punhal p'ra te despir. A macieza fria do teu corpo... Ó meu remorso de olhos de perdão...

A CRIATURA, sorrindo-lhe.

Estava coberta de brocado de oiro... Quem fui eu? Dize o meu nome, dize...

D. JOÃO

Isabel. És Isabel de Burgos...

ISABEL, sorrindo sempre.

Sou Isabel... Bemdito sejas tu que mo disseste.

D. JOÃO

Porque estavas aqui, assim caída? Andorinha de outono que tu és...

Passa-lhe as mãos no cabelo com doçura.

ISABEL

Não podia mais. Não pude mais...

D. JOÃO

Tens fome?

ISABEL

Não foi de fome que eu caí. Foi de tristeza.

D. JOÃO

Tu, doce, morta de tristeza... Quem te fêz mal? Porquê?...

ISABEL

Ninguém me quer... Já não posso cumprir o meu destino.

D. JOÃO, como lembrando-se.

O teu destino: o de Eponina, a Santa. (Com uma piedade quási mística) Deste-te a muitos, Isabel?

ISABEL

A muitos. — Houve um que me jogou. Eu era dele...

D. JOÃO

E eras feliz?

ISABEL

Era beata.

D. JOÃO

E agora não te querem?...

ISABEL

Não me querem, não me querem mais. (Com uma voz de chôro, de criança) Não é à fome que eu sucumbo, não. Se tu soubesses como eu era alegre. Alegre como as fontes que tu ouves. Eu dava-me a rezar: a tantos, tantos...

D. JOÃO

Eu violava corpos de alma em reza. E não a ouvia. Só a ouvi depois.

ISABEL

Dava-me, dava-me; e eram sempre com Deus as minhas bodas. Eu sei; aquela noite em Burgos.

foi Êle que te mandou p'ra me despir. A cruz do teu punhal era a Cruz d'Êle. (Erguendo as mãos, sorrindo-lhe) Bemdito sejas tu porque vieste.

D. JOÃO

Cala, Isabel. Fazes-me mêdo, mêdo. És a primeira que me fala assim...

ISABEL

Bemdito sejas tu porque vieste. Oh! Nenhum parte como tu partiste. Eu bem vi, eu bem vi aquela noite... Havia desespêro no teu corpo. E na tua alma. Fiquei triste, triste. — Ceifeiro de desgraça que tu eras...

D. JOÃO

Ficaste triste, santa? E perdoaste?...

ISABEL

E tive de partir. Era o meu sonho. Mas nunca te esqueci, e bem sabia: sabia desde então o nosso encontro...

D. JOÃO

Como as velas na noite, no mar largo.

ISABEL

Há um segrêdo em mim. Queres que to diga?

D. JOÃO

As fontes são silêncio quando falas. Ó meu remorso de olhos de perdão...

ISABEL

O teu destino e o meu são um só destino.

D. JOÃO

Doce loucura a tua, pobre doce. Os teus olhos de corça moribunda...

ISABEL

Não foi o amor que tu amaste sempre?

D. JOÃO

Talvez, talvez, mas sem saber; através de violências e de crimes; com mãos de presa, não com mãos de reza.

ISABEL

Eu sentia-o no peito a dar-me a tantos.

D. JOÃO

Não o sentes neste instante, ó toda amor?

ISABEL

Parece que me foge, que me foge. Não me querem, não me querem mais. — O teu destino e o meu são um só destino.

D. JOÃO

O meu foi só pilhar com mãos de febre.

ISABEL

Sei-o melhor que tu. Vai ser o mesmo. Vais-te dar mais do que eu que me dei sempre. Não to queria dizer: é o meu segrêdo.

D. JOÃO

O amor em ti foi caridade, doce. Nem sabias de ti, perdida em Deus.

ISABEL

Tu vais-te perder mais, ainda mais longe... Eu sei, eu sei... Ainda mais fundo...

A voz sumiu-se-lhe. Desmaia. A Giralda dá horas.

D. JOÃO

Que fadiga, a do tempo!... (Debruçando-se sôbre ela, ajoelhado) Isabel... Que tens tu?...

Toma-a nos braços: como se fôsse uma criança adormecida, sobe a rua com ela, lentamente, na luz primeira da manhã.

ACTO IV

Lucere et ardere perfectum est.

S. Bernardo.

QUADRO PRIMEIRO

Uma sala num solar em luto. Há crepes na rocalha dos espelhos, cobrindo a melancolia dos retratos, e no chôro glacial do lustre. Revestindo uma porta, um reposteiro armoriado ao fundo. As janelas pregadas. Tédio e luto. Só o sol que irrompe pelas frinchas, vem lembrar nesta atmosfera opressa, que é meio-dia lá fora, e primavera. Sôbre uma mesa, algumas velas ardem.

D. Ana e Octávio, ambos de luto, conversam com o irmão de D. Elvira.

OCTÁVIO, continuando, num tom de ódio reprimido, baixo.

Mas há ainda mais. E imprevisto. Julgais que o conheceis como eu julgava. Nem êle se conhece. É impossível. É a infâmia com milhares de máscaras.

D. ANA

Rasga-las a punhal numa só mascara...

O IRMÃO DE D. ELVIRA

Alguma coisa mais na noite de ontem?

OCTÁVIO

Na noite, ou melhor, na madrugada. A última encarnação de D. João... Imagine quem pode: adivinhai...

D. ANA

Quem foi que o seguiu? Não fostes vós...

OCTÁVIO

Eu mesmo. Vi-o descer a *Calle de Oro,* lento, vergar-se sôbre andrajos a uma porta, sôbre os andrajos duma pobre caída. E ouvi-o depois — mas mal, de longe — com uma voz que não era a que lhe ouvimos...

D. ANA, interrompendo.

Falando à pobre... — O monstro!...

OCTÁVIO

Não era o que pensais. Também julguei, também pensei instantes como vós... — Era misericórdia, um timbre místico, uma farça impossível

de dizer, que eu ouvia truncada, sem seqüência, numa surdina de perdão e de êxtase, até o ver pegar na pobre ao colo, e levá-la assim, maternalmente, subindo a rua devagar, muito de leve; parar à porta de *las Damas Nobles,* do Hospício, sabeis? — parar com ela...

D. ANA

O bom Samaritano!... A última máscara. — Depois?... Bateu?

OCTÁVIO

Tocou à portaria. Pude vê-la. Pude ver a pobre nesse instante. Magríssima, de cera, parecia desmaiada, morta. Êle falava baixo, murmurava... A irmã porteira veio abrir. E tudo se passou em pouco tempo. Quando saíu, sorria...

D. ANA

Era a máscara de anjo a descolar-se...

OCTÁVIO

Por mais que o veja, há-de espantar-me sempre. É a infâmia com milhares de máscaras.

O IRMÃO DE D. ELVIRA

Mas com que fim burlava, o burlador? Não vejo a intenção. Que trama êle?... Quanto menos o entendo, mais me aterra.

OCTÁVIO

Ainda não acabei. Ides ver mais. Seriam cinco horas da manhã. Ouvi-as à Giralda, sem contar... Não lhe perdia um gesto, uma expressão. Deu alguns passos devagar: parou; junto ao muro do Hospício, a olhar o muro... E cortou lilases numa fenda. — Ver essas mãos de prêsa a tocar flores... Continha o meu impulso com terror. Aspirou os cachos muito tempo, cerrando os olhos, pálido, sem ver... Quando os abriu, vi-lhe cair as lágrimas... E esteve contra o muro ainda algum tempo. — Porquê? Porquê?... Queria entender...

D. ANA

Burlava-se a si mesmo o burlador.

O IRMÃO DE D. ELVIRA

Estava nos bastidores, ensaiava... Ensaiava a nova fase de anjo.

D. ANA

E esteve tôda a noite com o duque.. Ouvia-se cantar e rir da rua.

OCTÁVIO

Mas porque saiu só, antes dos outros?... E anda agora sempre sem espada, num desprendimento de suicida; que é fingido, bem sei; mas que quer êle?... Medita uma cilada com certeza. Êle bem sabe o que se passa aqui. Talvez não saiba tudo, mas suspeita...

D. ANA

É uma máscara nova, a mais absurda, a mais inverosímil para êle. Por isso mesmo a goza. Es-

tou a vê-lo... (Ri um riso de ódio, exasperado.) Depois da ceia com o duque, o idílio cristão com a mendiga... Tudo isto, p'ra êle, é uma luxúria, uma perversão nova a degustar... — E entrar de madrugada em casa, com um cheiro a lilases nas mãos finas; e logo na ante-câmara, cansado, entregar a Leporello a máscara, uma máscara de anjo melancólico, desafivelada a sorrir, com um gesto nobre... (Ri de novo.) E Leporello, em reverências, vai pendurá-la a rir no guarda-roupa. — Tem a folia das máscaras, o infame.

OCTÁVIO

Mas tudo isto prova qualquer coisa. Quer convencer-nos de que não vê nada, não suspeita sequer o que tramamos... Depois do convite para o baile, em que dançou convosco duas vezes, com o cinismo mais frio e mais perfeito, êste improviso de humildade...

Entra um criado de libré de luto. Antes de o poder anunciar, D. João aparece.

D. JOÃO, uma expressão extrema de fadiga, em que alegria mística transluz.

Venho trazer-me aqui... Não estranheis... Foi o perfume dos limoeiros que me trouxe, o perfume dos limoeiros da alameda... (Silêncio breve. O pasmo dos outros paralisa-os.) Trouxe-me pela mão o seu perfume... Nem sei, nem sei como aqui vim. Não me deixei anunciar. P'ra quê?... Ieis talvez pensar numa cilada... E tudo em mim — a minha alma, o corpo — é como as fontes de alabastro, árabes, as fontes que trasbordam silenciosas, modelando em lágrimas a taça, e o fuste, e a terra, humildemente... (Pausa. Fixando D. Ana) Se soubésseis o sol que está lá fora....

D. ANA

É o que tendes a dizer?...

D. JOÃO

Pois achais pouco?... Venho dizer-vos esta coisa imensa: o sol, o sol, o sol existe. Aqui entra de rastos, pelas frinchas.

D. ANA

Foi para tanto, que forçastes o luto desta casa?

D. JOÃO

Só qualquer coisa assim pôde trazer-me. Bem pensais... — Encontrei o amor esta manhã, ao romper mesmo da manhã... Acordaram nascentes na minha alma. Sei o fervor da rocha ao surdir da água...

D. ANA

Estava em andrajos, moribundo... Fostes levá-lo ao colo a um hospício...

D. JOÃO

Levei-o ao colo. Já sabeis?... Pesava menos que uma sombra de asa. — Solicitude encantadora a vossa...

D. ANA

Há-de cercar-vos sempre: ficai certo...

D. JOÃO

Eu sei, eu sei... Por isso vim... Nunca a voz da vida foi tão doce. Perdi-me nos seus olhos como o pólen, como o pólen cai — segundo eterno —, cai de alto, muito de alto, na corola. E queriam tocar tudo, as minhas mãos. Nunca, na luz primeira da manhã, tocastes o granito duma igreja?... Refresca a alma, não sabeis... Refresca a alma o seu grão duro, que é a tez de arcanjos e profetas... Quando passei no Alcázar, — hora do orvalho — acordava o jardim, abria os olhos... É como o despertar duma criança...

D. ANA

Só a consciência, em vós, dormia sempre.

D. JOÃO

Não dorme nunca. Tem um nome: Morte.

D. ANA

Sois o homem das máscaras: conheço-vos. Vindes ver como vos fica a última, em atitude hu-

milde, sem espada... Uma cilada a mais... Quem o não sabe? — Quem vos falou de morte? — Tendes mêdo?...

D. JOÃO

Se tenho mêdo de morrer...? (Mais baixo) — Olho o meu corpo, a imagem do meu corpo num espelho, como as crianças no teatro, o pano que subirá para a feeria. Oh! Quando êle subir, pensa a criança. Oh! Quando êle descer, vou eu pensando...

D. ANA

Não é menos intensa a minha ânsia. Podeis-me crer. E credes-me: bem sei... (Mais perto dêle, sibilante de ódio) Qual foi a perversão de criminoso que vos trouxe até aqui, a esta casa? A mesma que vos levou ao cemitério? — Uma idea fixa de assassino?...

D. JOÃO

Só olhos de perdão me fazem mêdo. — Encontrei o amor esta manhã... Se pudésseis ouvi-lo, sequer vê-lo... Agoniza na cela dum hospício...

D. ANA

Já sei, já sei: sabemos tudo. E a scena dos lilases junto ao muro, ao pé do *Hospício de las Damas Nobles*... Tínheis a intuição de ser seguido; e num gesto de actor, de grande actor, aspirastes lilases, de olhos rasos... A Giralda, ao longe, contemplava...

D. JOÃO, com a mesma serenidade, imperturbado.

Encontrei o amor esta manhã...

D. ANA, interrompendo ainda.

É um refrém, já vejo... Continuai. Podia pôr-vos fora; mas não quero... Prefiro ouvir...

D. JOÃO, mais baixo, com uma calma aguda, dolorosa.

Se quem me espionou, tivesse ouvido... Mas não, mas não: é impossível. Viveis no vosso ódio emparedados. E eu sinto que não posso: uma fadiga, uma fadiga imensa a que me vêdes... Se

não quereis ver o sol que vai lá fora... se pregais as janelas... estais assim... O perfume dos limoeiros enganou-me. Trouxe-me pela mão, mas enganou-me. Dizia-me ao passar pela alameda: «Vai procurar o ódio de mãos nuas, e dize-te tal qual, tal como és... Conta-lhe o que encontraste esta manhã... E dize-lhe também o teu destino, o horóscopo que te leu a pobre, que o amor agonizante disse baixo... E talvez essas paredes caiam, a piedade as deite sôbre a terra, as paredes do ódio: que adormeçam... Onde quer que as almas se conheçam, é aí a piedade. Não hesites.» Mas não, mas não... não posso mais. Ou o perfume mentiu, ou é de mim. É decerto de mim. Era uma máscara. Sou o homem das máscaras que passa. — Quedai emparedados. Vou-me embora.

Há um silêncio estranho, demorado.

O IRMÃO DE D. ELVIRA

Sabeis como vos chamam em Sevilha?

D. JOÃO

El burlador...

O IRMÃO DE D. ELVIRA

El burlador... Tal qual. — Porque não professais? Era completo.

OCTÁVIO

Está esgotado o crime. É o que vos resta. Ide em sandálias esmolar, ide descalço...

D. ANA

D. João num convento!... A última máscara. Coroai de santidade a vossa infâmia. Uma máscara mais... Não hesiteis. Segui até ao fim, até ao fim. Vós sois o crime em carnaval contínuo...

D. JOÃO, com uma humildade extrema.

Tendes talvez razão...

D. ANA

Fundai a ordem da Suprema Infâmia. Eu bordo-vos no hábito o garrote. É um passatempo bom

para o meu luto... (Vendo-o curvar-se sem palavras) Já!?... — Já ides?...

D. JOÃO, que se volta, quási à porta.

É uma manhã de amor, esta manhã. Quero sentir o sol nas minhas mãos....

Sai.

QUADRO SEGUNDO

No convento de la Caridad. *O claustro: frio, duma frieza ascética, sem graça, em pilares anquilosados de granito. Começa a escurecer. Tarde de inverno.*

Junto a um pilar, falam dois velhos: o Abade de la Caridad *e o Duque de Silvares.*

O ABADE

Quando penso como o recebi... O meu primeiro movimento foi de espanto. Era uma farça a mais, um sacrilégio. Levava-o com fervor ao queimadeiro. E creio que lho disse: mal me lembro. Mas essa voz de desespêro humilde empedrou-me por fim, a ouvir, a ouvir...

O DUQUE

Como podíeis calcular! Era impossível.

O ABADE

Devia pressentir: não mo perdôo. Tudo nêle era excesso, era inquietante. Um velho como eu que

ausculta os outros, devia ver mais longe, adivinhar, desarvorada na luxúria, uma grande alma. E confesso que ali, no locutório, ao vê-lo ao pé de mim, quási de rastos, com anéis nas mãos, a implorar-me, só podia pensar: comediante... E se o não repeli, foi só de pasmo, foi porque o pasmo me colou às lajes. Deus quis que ali, naquela hora, eu começasse como um pai, a amá-lo.

O DUQUE

Se o ouvísseis falar.... Tem por vós veneração imensa.

O ABADE

Tenho remorsos hoje. Quando penso... Nos primeiros dias tinha mêdo, vendo-o no refeitório, tão humilde, a morder o pão duro do convento e a servir à portaria os pobres, tinha mêdo que fôsse ainda um capricho, e que passada uma semana, talvez antes, o visse regressar com tédio ao século. Pedi muito por êle, de joelhos. Se a luxúria ali na cela nua, sôbre êsses quatro muros tão vazios, desdobrasse os seus frescos de oiro e sangue, o fitasse nos olhos, mo levasse...

O DUQUE

Podeis estar tranqüilo.

O ABADE

Agora sei. Há mezes já. E espero... Nem vos quero dizer o que eu espero. Comecei a confiar uma manhã, vendo-o provar o caldo com prazer, o caldo que fazemos para os pobres. Depois na enfermaria, a lavar chagas, esquecido de si, atento, atento... E ninguém pede esmola como êle, ninguém se anula tanto p'ra pedir, é só a mão que vai colher pr'ôs pobres. Todos o amam no convento, todos, sem bem compreender, com estranheza, essa fôrça de amor que enlouquecera, e se apazigua agora, se faz rio. Há nêle uma humildade que se espraia, que dia a dia se faz rasa e doce.

O DUQUE

É muito a vossa obra. Sois um pai.

O ABADE

Fôra o mesmo sem mim: tenho a certeza. De manhã cedo vem à minha cela: olhamo-nos calados: nada mais. Nunca vi tanta alma numa face. A sedução humílima dos olhos... É puro como um monte o corpo dêle, que foi um instrumento de luxúria. Emmagreceu imenso, não achais?

O DUQUE

A mesma febre o mirra, agora pura. Gosto de o ver sorrir, os olhos rasos.

O ABADE

Ao princípio, fazia-se silêncio à roda dêle, no claustro, na cêrca, até no côro. Mas os que o viram mendigar, falaram, tomados de surprêsa, comovidos. Os que foram p'ra êle, êle serviu-os, doce como uma laje bem puída onde deslizam sem rumor sandálias. E na manhã em que voltou em sangue, porque andando a pedir o apedrejaram, bem quis êle esconder-se, mas não pôde: tinha na mão a pedra que o ferira, e olhava-a em jóia, fascina-

do... Eu não pude dormir aquela noite, pensando nêle, só, na minha cela. Espiei por amor, horas e horas. E vi então com uma alegria imensa, que partia a esmolar ainda com noite. Atravessou o claustro mais de leve. — Já nesse tempo os seus irmãos lhe queriam.

O DUQUE

Bem sinto quando chego à portaria, como me falam dêle.

O ABADE

Nem sabeis. Uma renúncia assim é um grande exemplo. Aceita a ofensa, o insulto, como pão. Cuspiram-lhe na rua muita vez. E chamavam-lhe sempre *el burlador*. Seguiam-no assim ruas e ruas. A humildade dêle ia crescendo. Agora não. Há um grande silêncio quando passa e pede sem olhar, os olhos baixos.

O DUQUE

Já começam a amá-lo, ficai certo.

O ABADE

Como fala da Morte! Se o ouvísseis. — Quando fala da Morte, maravilha. Fala da Morte como um Lázaro que rompesse a cada instante as bandeletas. Como um ressuscitado. Nem eu sei. Como alguém que morreu milhares de vezes, e ressurgiu milhares.

O DUQUE

E assim foi.

O ABADE

É quási a hora dêle. Vem aqui sempre a esta hora. Todos o sabem no convento; e ninguém quer turbá-lo, ninguém passa.

O DUQUE

Se achais melhor, volto amanhã.

O ABADE

Peço-vos que espereis. Conto convosco. Está morto por saber se o condenaram, o que matou essa mulher de Triana.

O DUQUE

Tenho pouca esperança. Tudo é contra. É decerto o garrote.

O ABADE

Dói-me também, a ansiedade dele. Desde que convosco e outros nobres começou a acompanhar os condenados, a ir com êles ao patíbulo e a enterrá-los, descarna de martírio, é todo dor. Como se o garrotassem cada vez... (Olha instantes à roda. Muito baixo) Pois não vistes ainda? não sabeis?... Tem os estigmas do garrote, vi-os... um vergão roxo no pescoço, à roda... Custa-lhe a erguê-lo: nada diz, mas sofre.

O DUQUE

Desde a última vez?... Meu Deus!... É certo?...

O ABADE

Há três dias que eu vi. Não sei há quantos. (Mais baixo) Tenho mêdo de dizer: só o digo a vós.

E já um santo: um grande santo, a glória mais pura desta Casa. Todos o sentem como eu, calados; e falam dêle baixo, com unção.

O DUQUE

É um milagre de amor.

O ABADE

É um milagre. Queria beijar-lhe os pés, e não me atrevo. Consome-se de amor. Arde, arde sempre. O crime, o desespero, êle beijou-o: fê-lo seu, incorporou-o em si; e foi supliciado por amor. Noiva com o garrote... D. João. O aro que estrangula, é a Bem-Amada. (Pára instantes: olhando) Ides já vê-lo. Eu não lhe sei falar, que posso eu?... Só ontem — aqui mesmo, era já escuro — levantei-o pelos ombros a dizer-lhe: «Lembrai-vos do que disse o «*Povereto*». Deveis pedir perdão ao «*irmão corpo...*»

O DUQUE

Creio que é êle agora...

O ABADE, olhando.

Deixo-vos sós. É êle. Consolai-o.

João entra pela esquerda: descalço, num hábito pulído de estamenha. Ao ver o Duque, vai para êle: uma expressão dolorosíssima, ansiosa.

JOÃO, tremendo todo.

Foi condenado? Dize...

O DUQUE

Ainda não. Talvez... talvez não seja.

Beijam-se. Silêncio breve.

JOÃO, como a si mesmo, muito baixo.

Fui garrotado sete vezes... sete. E ainda vivo. (Ergue a cabeça lentamente, fita o Duque. Tem um vergão arroxeado no pescoço. Tocando-o com as mãos) O meu colar de Calatrava... Olha...

O DUQUE, os olhos rasos.

Meu irmão... É a Ordem da tua alma.

JOÃO

Enforcou-a na trança, não é certo? E dizem que a beijou depois de morta... Ouviram-no dizer: — «O único beijo calmo que lhe dei.» E tinha o ar contente, os olhos doces...

O DUQUE

O que o perde talvez é o que êle disse, o que disse depois no tribunal: — «Porque é que Deus lhe deu tranças tão longas?» Parecia acusar Deus naquele instante...

Silêncio breve.

JOÃO

Eu saio a esmolar de madrugada. Mas tu... Não podias fazer alguma coisa, falar a mais alguém? Não seja tarde...

O DUQUE

Que mais queres tu? Já temos feito tanto.

JOÃO

Tens pouca esperança?

O DUQUE

Pouca. Não sei que mais possa fazer ainda.

JOÃO

Mas vai sempre. Há piedade escondida até nas pedras. Se uma palavra tua a despertasse...

O DUQUE

Eu vou, eu vou.

JOÃO

Vai com esperança. Ia a Madrid de rastos se pudesse. Vê se consegues que alguém vá à côrte. Uma

palavra só, um só instante, e era o perdão. Mendiga mais: mendiga a vida dêle de joelhos.

O DUQUE

Mas se o perdão viesse...

JOÃO, interrompendo.

Sei o que vais dizer. Era ainda a vida. Ainda o sol, ouviste?... — (Noutro tom) Mas vai depressa, vai. Vai com esperança.

O DUQUE

Volto amanhã?

JOÃO

Volta amanhã. Espero-te. (Com uma voz sem timbre) Fui eu que a enforquei. Que tranças longas!... (O Duque olha-o tristemente. Noutro tom) Mendiga bem, mendiga bem... Depressa.

O DUQUE, tomando-lhe as mãos em despedida.

Como tu ardes...

JOÃO

É o amor dêle em mim. Nunca a amou tanto. E vê-a ir pelo além, sòzinha!... (Como despertando, bruscamente) Vai depressa, vai. Vai com esperança. (Pausa) Que não lhe abram a cova as minhas mãos. (Levando as mãos ao pescoço) O meu vergão — verás — fica mais roxo. As violetas do garrote... Doem-me. Até eu dou flor. Tudo dá flor. — Mas não percas mais tempo...

Até ao fundo do claustro, acompanha o Duque. Ninguém passa. Instantes depois, reaparece. Tudo é côr de burel, até o ar: cinza, duma cinza penitente. Como brotando do granito, a Morte junto dele: SOROR MORTE.

JOÃO

Soror Morte....

(Com uma grande doçura)

Tu que tantos difamam,
e poucos, como eu, ajoelhados amam.

Irmã!... Deixa chamar-te. Imortal Bem-Amada.
Amendoeira de luz no caminho do Nada.
Ó Soror... Por piedade. A noite vem já perto.
Nem um botão de mirra em todo o meu deserto.
A noite, a noite vem: é feita de basalto,
e já não ergo as mãos, não posso, para o alto.

SOROR MORTE

Sou eu. Há quanto tempo, uma manhã, te disse
que era eu afinal, eu só, a Beatrice.

JOÃO

Por vires hoje a mim como ao Pobre de Assis,
de Soror, Soror Morte, é que a minha alma quis
ser erva para ti, para o teu passo bento
como a luz da manhã nas lajes do convento.

SOROR MORTE

Desce ao claustro, de noite, sem ruído:
o mistério p'ra ti, é um novo sentido;
vai assim, mete as mãos no silêncio da fonte,
e que o teu coração se cale, que não conte

emquanto tu molhares os olhos, o cabelo,
vendo na água a sorrir o irmão sete-estrêlo.
Podes ir. Vai assim no silêncio. Não temas.
O silêncio da noite é um turbilhão de gemas
sofrendo como tu, em órbitas sem nome,
do mal, do grande mal que te consome.
Quem arde assim de amor, tem irmãos-sóis na altura.
A noite é tua irmã. A tua chama é pura.

JOÃO

Ó Soror Morte, Irmã, vem tocar-me a estamenha.

SOROR MORTE

Arde mais, arde mais: corpo teu, boa lenha.
Como num monte uma fogueira de pastor,
no cimo da tua alma há uma chama de amor.

JOÃO

Com mãos de chama, há muito, há muito que eu o chamo,
e já não sei dizer, não sei dizer: — eu amo...

SOROR MORTE

Arde mais, arde mais. Palavras, para quê?...
E chama a chama, é alma a alma que se vê.

JOÃO

Não ser eu, não ser eu, e ser emfim o Amor!...

SOROR MORTE

Êle vem, êle vem: em perfume de flor,
como um perfume de flor no vento sul,
vem a ti, vem a ti por corredores de azul,
como o luar que desce as nuvens em ravina,
quando a lua é no ar uma face argentina.
Sob o seu pé descalço, a Eternidade ondula
como um mar de verão que o vento norte azula.
Êle vem, êle vem: vem a ti, vem a ti...
Na tua cela, agora, o silêncio sorri.

JOÃO

Mas eu não sou, não sou: — o que há de mim, Irmã? —
Não existo, não fui: sou sombra, sombra vã...

SOROR MORTE

Êle vem, êle vem: não sentes que caminha? —
Com asas de águia e de gaivota, e de andorinha,
por agonias de alma, êle vem, êle vem:
vem a ti, vem a ti, com reflexos de além...

JOÃO

Eu tenho mêdo, Irmã...

SOROR MORTE

Arminho, é todo arminho.

JOÃO

Venha primeiro a mim, ó Morte, o teu carinho.

SOROR MORTE

Êle vem, êle vem: vem em plumas de noite...

JOÃO

E não há cela, Irmã, não há, em que me acoite.

SOROR MORTE

Êle vem, ele vem: oiço-lhe os pés ao longe:
vem em visitação, vem a ti, pobre monge,
a coluna de Deus, a prodigiosa fôrça,
com murmúrios de espuma e com olhos de corça:
êle vem, êle vem dos confins da fadiga
que trouxe a tua alma aqui, como mendiga:
êle vem, êle vem como Jesus aos pobres
quando a angústia, na noite, é o silêncio em dobres.

JOÃO, com um terror sagrado, muito baixo.

Êle vem, êle vem... — Irmã, eu tenho mêdo.

SOROR MORTE

Vem de tão longe, Irmão!... Tens ainda degrêdo.
Cardaste as horas como estrigas no tormento
de te sentires morrer, mas cada vez mais lento.
Quando o teu desespêro quis gritar por socorro,
nem um momento só póde dizer: eu morro...
Querias viver, viver... Até que te perdeste
p'ra te salvares emfim, até que te esqueceste,

foste o corpo e a dor, foste o soluço e o beijo,
foste a Miséria emfim — para além do desejo —
e tanto em sangue e em lama e em chôro te fundiste,
que naufragaste em ti, — e emfim te redimiste.

O claustro escureceu. Há um siléncio.

JOÃO, uma voz muito doce, ajoelhando.

Oiço nos longes da minha alma os pés do Amor!...

SOROR MORTE

Êle vem, êle vem, o Cavaleiro-Amor!...
Ouve-o em ti, ouve-o em ti como se ouve as nascentes
quando no outono, as leiras são já transparentes...
Êle vem, êle vem, pó de estrêlas ao longe,
vem a ti, vem a ti, vem a ti, pobre monge
que tens como um colar essa vileza santa,
o estigma do garrote, em roxo, na garganta.

JOÃO, erguendo as mãos a Soror Morte.

Vem Tu a mim, vem Tu...

SOROR MORTE

Hei-de vir, hei-de vir.

JOÃO

Mas tão perto... vem já.

SOROR MORTE

Hei-de vir, hei-de vir. O silêncio será
como na despedida,
o detonar da vela da partida.
Hei-de vir... hei-de vir...
Quando o Amor te tocar, quando o Amor te florir...

(Pausa).

Hei-de vir... hei-de vir... O silêncio será,
como de olhos cerrados, o marulho
dum pleno mar de verão num meio-dia de julho.
Hei-de vir... hei-de vir
numa inocência tal e numa paz tão doce
que tudo lhe será igual, como se fôsse
a Terra que sorri em êxtase, que dança
entre pomares de estrêlas, de criança...

(Mais perto dêle)

«O Senhor é Amor». Ser Amor é ser Deus.
Há eternidade já nesta palavra: *Adeus*...

Esvaíu-se a forma. É quási noite. A presença da Morte é toda íntima.

JOÃO

Non sum dignus. (Com uma humildade imensa) Não sou digno. (Religiosamente, beija nas lajes, como um vestígio de asa, os pés da Morte.) Não sou digno ainda.

Reza em silêncio. A face, que a oração decanta, é toda pura.

EXPLICIT.

JUDAS

A AQUILINO RIBEIRO

Não digo isto de todos vós: eu sei os que tenho escolhido; mas para que se cumpra a Escritura: O que comia o pão comigo, levantou contra mim o calcanhar.

Na verdade, na verdade vos digo, que um de vós me há de entregar.

S. João — Cap. XIII.

É à bóca da noite. Um figueiral. Vem da terra sedenta um bafo morno, como um hálito de febre, que perturba. Nascem estrêlas, tão longinquas, que ainda é maior o desamparo à roda. Judas Iskarioth, sem ruído, tateia os troncos das figueiras, uma a uma: estuda os ramos, verga-os, concentrado. Pára emfim, descalço, sôbre as raízes duma, contorcidas. Tira a corda que escondia sob a túnica, vai a passá-la a uma braçada, hesita, como se ouvisse no ar morto alguma voz. Nada bole. Só o figueiral, agora, incensa mais, — como um turíbulo místico na noite. Muito a mêdo, inquietamente, espreita. Tem a face limada de martírio. Súbito, como um perfume se faz corpo, a Sombra de Jesus aflora o chão. É vaga, — como uma imagem do vento feita em nuvens. Tem as mãos trespassadas e sangrentas, a Face ainda envôlta em bandeletas, donde filtra o olhar, amorosíssimo, caindo como um eco de soluço; os pés, — de luar ferido, mal pisando.

JUDAS, devagarinho.

Tu, Senhor!...

Nem as figueiras ouvem. É um ondear de almas no silêncio.

A SOMBRA DE JESUS

Venho trazer-te o beijo que me deste.

JUDAS, com espanto e êxtase.

...Quem levantou a pedra do sepulcro?

A SOMBRA DE JESUS

Já três dias passaram sôbre a morte: e tudo se cumpriu como me ouviste. O Filho do Homem ressurgiu, — e fala-te. Venho trazer-te o beijo que me deste.

JUDAS

O beijo que te dei?... (Mostrando a corda) Olha... É o que eu posso fazer. Não posso mais. Ha três dias, numa tôrre cega, emparedado em mim, que eu agonizo. (Pende para Êle como exangue.) E é a mim que tu vens? Pois é a mim?... Já Maria te viu? Algum dos Doze?...

A SOMBRA DE JESUS

Dos Doze és para mim o mais amado.

JUDAS, com desespêro.

Não posso ouvir, Senhor: não *devo* ouvir.

A SOMBRA DE JESUS

Dos Doze és para mim o mais amado.

JUDAS, com lágrimas rolando-lhe, num sôpro.

Endoideceste na morte, no martírio. Foi na Cruz, e foi por minha culpa. Eu sou Judas, Mestre, o que traíu; o que, por trinta dinheiros, te vendeu; e em Gethesemani te foi beijar, para que caíssem sobre ti e te prendessem. Eu trouxe-me em mim mesmo sem saber: como um ninho de víboras, oculto. Não sabia que era assim, e sou assim: mas tu sabias, Mestre, tu disseste...

A SOMBRA DE JESUS

E que fôra, sem ti, o meu destino? Como iriam cumprir-se as Escrituras? Pensas que a esta hora, na ravina, o cedro que deu corpo para a Cruz se mirra de remorso, decepado? Tu foste tão culpado como o cedro. E ninguém sofreu tanto como tu.

JUDAS

Os Teus pés trespassados... Tuas mãos... Oiço mais que a tua bôca, a bôca deles. Fui eu, só eu que te crucifiquei. Fui aos Príncipes dos Sacerdotes, e lhes disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entrego? E recebi trinta dinheiros nesse instante: e desde então, sem sono, sem fadiga, busquei a hora melhor para entregar-te: e os guiei pela calada ao Horto...

A SOMBRA DE JESUS

Escuta: eu sei melhor, melhor que tu. «*Em verdade, um de vós me há-de entregar*», disse eu ao fim da ceia: — e tu ouviste. Todos ouviram, todos duvidavam: olhavam-se uns aos outros, sem saber. De quem falava eu tão tristemente, com o espírito

turbado, olhando em mim? João tinha a cabeça em meu regaço. E disse-me: Senhor, pois quem é êsse? E eu respondi: *Aquele a quem eu der o bocado, depois de o molhar: E dei o bocado, depois de o molhar, a ti, Judas Iskarioth, filho de Simão.* E depois do bocado, logo a perdição entrou em ti. E eu disse-te ainda: *O que tens de fazer, fá-lo depressa.* Nenhum dos do cenáculo entendeu. Tu saíste sem ver: era já noite. Ias como a semente vai no vento: como um perfume de lírios num tufão. Não vês qual era a Mão que te empurrava?... — Foste ter com os Sacerdotes e os Anciões: e fizeste o que tinhas de fazer. Da outra banda do Cedron, no jardim lúgubre, o vento, como os Onze, dormitava. Eu, triste até à morte, ajoelhara: o Espírito pronto e a carne inquieta. E orava a meu Pai, suava sangue, quando à luz dos archotes que irrompera, entre reflexos de armas, eu te vi... E vieste p'ra mim: e me beijaste. «Salvé, Rabi», disseste: e me beijaste. E mudou de rumo a tua alma. E começou o teu martírio nesse instante.

JUDAS

Rabi: és a verdade... és a verdade...

A SOMBRA DE JESUS

E começou o teu martírio nesse instante. Foste ter com os Príncipes dos Sacerdotes, — ainda a manhã vinha rompendo. E entregaste o dinheiro que te deram: as trinta moedas de prata que queimavam. «*Entreguei sangue inocente*», lhes disseste: «*pequei*»: mas êles responderam: «Que nos importa isso a nós?» E nem te olharam. E uma grande loucura te tomou: a loucura amorosa de salvar-me. E foi a tua alma o eco da minha. Quanto sofri, foi um soluço nela. E depois de cumprires as Escrituras, lutaste contra elas por amor. Engendraste sedições dentro de ti. E querias dar-me fuga no caminho: quando eu ia a caminho do Calvário. E não tinhas ninguém a quem te unir. Os mais vis que eu curara, repeliam-te. Tapavam os olhos com os andrajos, se chegavas. Ninguém na terra foi mais só que tu. Como um sonho de véspera de bodas, sonhaste ser também crucificado. Para lavar-te a alma, nem o mar. E querias ser tão puro como os lírios. E morto de tristeza, viste a Morte, a enjeitar-te também, com horror de ti. Mais que na de Maria de Magdála, ecoou na tua carne o meu suplício. Tiveste as minhas convul-

sões, os meus suores. Exalaste a alma com a minha, dizendo ao Pai: «*Porque me abandonaste?*» E era quási a hora sexta. E houve trevas, até á hora nona, em tôda a terra. E cuidaste que elas vinham p'ra esconder-te, p'ra libertar da tua vista, homens e coisas: e tremeste de frio e de terror. E doíam-se as pedras que pisavas: e só por ti, por o teu crime, o véu do Templo se rasgou de meio a meio. E saíam os mortos dos sepulcros, e a uma luz de eclipse, te apontavam. E crêste então em mim mais do que os Onze: com maior amor e com mais fé. E escondendo uma corda sob a túnica, vieste para aqui. E quando viste que as figueiras se quedavam, não contraíam os ramos se as tocavas, tiveste de gratidão os olhos rasos. E eras outro. Eras tu em ti mesmo, abrindo em ti como a estrêla da tarde na cisterna...

Judas ergue-lhe as mãos: os joelhos vergam-lhe.

A SOMBRA DE JESUS

Tu foste o instrumento que sofria: — o espinho que sangrou, ensangüentando-me: o prego que ao cravar-se, se fendeu: o lenho que deu corpo para

a Cruz, e abriu de dor, e se escoou em sangue. O vinagre que eu bebi, era em ti chôro: a púrpura do escárnio, — labareda. Não me traíste, não: serviste o Pai: e ninguém tão humildemente como tu. A tua baixeza é a tua altura. Por ela, o figueiral incensa mais. — Não sentes? Está a ungir-te com perfumes, como Maria, em Betánia, me ungiu com nardo puro para o túmulo. Os lábios das minhas feridas vem falar-te: vem dizer-te baixinho neste instante: — Dos Doze és para mim o mais amado.

JUDAS, num sôpro, o coração partido.

Oh! Oh! Senhor...

A SOMBRA DE JESUS

Venho trazer-te o beijo que me deste. (Beija-o.) Assim foi pago. Chegou p'ra ti a hora. Vou deixar-te. Viste nos olhos, o destino: é o que te resta. Bemdita a figueira que escolheste... a corda que seguras...

Some-se a Voz e a Sombra de Jesus. Judas olha a figueira com enleio, como se visse nela

a sua noiva. Dum gesto certeiro, passa a corda; faz o nó sorrindo; enfia o pescoço em beatitude, como se fôsse uma janela para além; e cingido emfim ao seu destino, com a alma nupcial, — enforca-se. A figueira estremece, num espasmo. Caem frutos no chão. E tudo escuta. Vai-se escoando a noite ainda mais lento.

ÍNDICE

D. João para mim.. 9

Acto I.. 15

Acto II.. 69

Acto III.. 121

Acto IV.. 179

Judas 217